



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

16 19:23

Literatura



Camilo Castelo Branco
O assassino de Macário



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

O assassino de Macário
Camilo Castelo Branco

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Publicado originalmente em 1903.

Livro Digital nº 841 - 1ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Portuguesa.

Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco
(1825—1890)



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

O ASSASSINO DE MACÁRIO



PERSONAGENS:

BARNABÉ

LIBÓRIO

ETELVINA

SEBASTIANA

A cena é no Porto.

ATO I

Sala elegante. Porta ao fundo. Portas laterais no segundo plano. Janela à esquerda, no terceiro plano. Piano encostado à parede direita, no primeiro plano. Canapé à esquerda. Dois contadores pequenos à esquerda e direita. Sofás, cadeiras, e tamborete de piano. Sobre o contador da esquerda utensílios de barbear e espelho. No outro um relógio.

CENA I

BARNABÉ (*só, entra pela esquerda, traje da manhã, traz na mão uma chocolateira e toalha. Chama*)

Sebastiana!... Isto é que foi dormir alarvemente! (*Olhando para o relógio*) Já dez horas... e eu sem fazer a barba! (*Chamando*) Sebastiana! Esta criada é uma calaceira!... Não há doutras... Tive um sonho... Isto de sonhos é uma tolice... Sonhei que estava pescando à cana... numa casinha campestre, com transparentes verdes... e um repuxo!... Ah! O meu sonho de ouro!... Logo que eu casar a filha... Um repuxo... (*Chamando*) Sebastiana! Com efeito! (*Vai à porta do fundo*) Sebastiana! Sebas...

CENA II

Sebastiana e Barnabé.

BARNABÉ (*entrando pelo fundo*)

Aqui estou, senhor!

BARNABÉ

Não me tinhas ouvido?

BARNABÉ

Perfeitamente. O senhor chamou-me quatro vezes.

BARNABÉ

Então por que não vieste logo?

BARNABÉ

Estava a almoçar. Acho que o senhor não pretende que os criados não comam.

BARNABÉ

Não...

BARNABÉ

Além disso, eu sei que o senhor é pachorrento, um paz de alma...

BARNABÉ

Abusas um pouco do meu temperamento.

BARNABÉ

Está enganado... eu pelo senhor era capaz de me atirar ao lume...

BARNABÉ

Pois bem, vai atirar ao lume esta chocolateira... Quero barbear-me.
(*Dá-lha*)

BARNABÉ

Dentro de 15 minutos aqui estou. (*Vai sair*)

BARNABÉ (*chamando*)
Olha, Sebastiana...

BARNABÉ (*tornando*)
Não me mande fazer duas coisas ao mesmo tempo que me atrapalha, ouviu?

BARNABÉ (*à parte*)
É uma criada como se quer! Boa bisca... (*Alto*) Olha lá... Noto que vai na casa um sossego extraordinário! Minha filha estará doente?

BARNABÉ
Não senhor; saiu de manhã cedo.

BARNABÉ
Ah! É isso? (*Senta-se no canapé*)

BARNABÉ
E, na verdade, a menina faz um estardalhaço! credo!... E é de pasmar como o Sr., tão manso, tão sossegado, fez uma filha tão...

BARNABÉ
Tão estapafúrdia, podes dizer...

BARNABÉ
É isso, estapafúrdia... é uma trovoada... Credo!

BARNABÉ
Tu que queres?... A natureza tem desconcertos... Olha, Sebastiana, eu nem sempre vivi dos meus rendimentos.

BARNABÉ
Pois sim, sim...

BARNABÉ
Tive uma fábrica de ligas em Fradelos.

BARNABÉ

De ligas? Ora vejam...

BARNABÉ

Fazia pouco negócio... Resolvi ir para o México, porque num país, num país quente, bem percebes, mostra-se mais a barriga das pernas... Fundei o meu estabelecimento no México, e granjeei logo toda a freguesia das boas pernas do país... com saias curtas.

BARNABÉ

Olha que pechincha!...

BARNABÉ

Vais ver... um par das tais pernas... duas bruxas fizeram-me uma impressão profunda... Todas as profissões têm os seus perigos... Esposei...

BARNABÉ

As tais bruxas?

BARNABÉ

Sim... Ela chamava-se Dolores. Sete meses depois, tinha uma filha...

BARNABÉ

Sete meses só? Ora essa!...

BARNABÉ

No México a vegetação cresce muito depressa, é o que é; e isso mesmo te explica o gênio impaciente da minha Etelvina... Ela não quis esperar que se completassem os nove meses... saiu...

BARNABÉ

Não admira, não...

BARNABÉ

E aqui tens tu, Sebastiana, como eu, um português de lei, sou pai de uma mexicana...

BARNABÉ

Agora é que eu percebo a diferença dos dois gênios.

BARNABÉ

O céu do México! Os costumes desse clima de fogo! Minha filha tem nas veias o meu sangue; mas... mais quente... ferve-lhe mais... enfim, tem uma temperatura mais alta...

BARNABÉ

Acho que sim... entendo.

BARNABÉ

Há de haver um ano que passei o negócio e vim para a pátria... Estava rico... primeira felicidade; estava viúvo, segunda feli... Enfim, como não nos dávamos bem... segunda felicidade, está dito.

BARNABÉ

Então não se davam bem...

BARNABÉ

Quero dizer... a senhora Barnabé... era muito fogosa... muito atiradiça... e chamava-me... maricas.

BARNABÉ

Credo!

BARNABÉ

Enfim ela tinha desculpa... Eu bem me conheço... Mesmo hoje, com a minha filha, sou uma lesma, um fracalhão... Aí está ela a querer casar com o valdevinos do Macário.

BARNABÉ

Mas não basta querer ela.

BARNABÉ

Assim é; mas ela quer à fina força e eu não quero; afinal, quem há de

vencer é ela, que é a forte, e casará! São favas contadas. Era o mesmo com a minha mulher. Dizia-lhe eu “quero”; respondia-me ela “não quero”, e eu... moita... nem palavra.

BARNABÉ

Então estavam sempre de harmonia?

BARNABÉ

Está claro.

(Rumor fora)

BARNABÉ *(indo à janela)*

Que será isto?

BARNABÉ

Alguns choques do americano com o Ripert.

BARNABÉ

Nada, parece desordem... Tanta gente em frente da porta...

BARNABÉ

Da nossa?

BARNABÉ

Sim, senhor. Quer que eu vá saber o que é?

BARNABÉ

Não... que me importa a mim?... Olha se me aqueces a água... anda.

CENA III

Os mesmos e Etelvina (abre-se com estrondo a porta do fundo. Etelvina entra afogueada e passeia muito colérica)

BARNABÉ

Olá!... és tu?

EDELVINA

Sim, sou eu. Bom dia.

BARNABÉ

Tu que tens?

EDELVINA

Estou furiosa! (*Passa para a direita*)

BARNABÉ

Donde vens?

EDELVINA

De pregar uma bofetada num sujeito.

BARNABÉ

Fizeste isso?

EDELVINA

Num atrevido...

BARNABÉ

Talvez imaginasses...

EDELVINA

Qual imaginasse! um grosseirão que ousou dizer-me cara a cara: “a menina é encantadora.”

BARNABÉ

E bateste-lhe por isso? Que farias tu se ele te chamasse estafermo?

EDELVINA

O seu sangue frio, meu pai, quando sou insultada! Castiguei-o, e espero que a cena se não repita.

BARNABÉ

De te chamar encantadora?... Também me parece que o homem deve ter modificado a sua opinião ao teu respeito... (*A Sebastiana*)
Que fazes tu aí? a minha água quente?

BARNABÉ

Lá vou já, Sr. Barnabé. (*À parte*) Muito atolambada é esta menina!
(*Sai pelo fundo*)

CENA IV

Barnabé, Etelvina, e depois Sebastiana.

ETELVINA (*depondo o chapéu e o xaile, vai sentar-se ao piano e canta*)
Trai lá ri, trai lá ri, trai lá ró.

BARNABÉ

Isso é um bota a baixo! Agora é o piano que leva a sua conta...

ETELVINA (*cantando*)

Na primavera da vida
Ambos e dois muito amigos
Suspiravam por um ninho,
Por um ninho entre os trigos.

BARNABÉ

Que é isso que tu cantas?

ETELVINA

Uma cançoneta moderna, que se chama: Um ninho entre os trigos.
(*Canta*)

E de braço dado juntos
Ao repontar da manhã
Iam fazer o seu ninho
Nos trigos de Campanhã.

BARNABÉ

É mais natural que fosse nas árvores... Os pássaros em geral

preferem...

EETELVINA

Mas não se trata de pássaros. (*Canta*)

E depois ele cantava

Pousado nos ramos novos,

E ela aquecia, cantando

No seu ninho os caros ovos.

BARNABÉ

Ah! então não é de pássaros que se trata? Lá me parecia que dois pássaros de braço dado por Campanhã...

EETELVINA

É uma menina e um rapaz.

BARNABÉ (*pegando na cançoneta com arremesso*)

Basta! Deixa ver. (*Lê alto as três quadras que ela cantou*) E chama a isto um ninho o tratante do cançoneteiro! Quem diabo fez esta coisa?

EETELVINA

Foi um poeta inspirado. Dê-me cá a música, ande!

BARNABÉ

Empresto-ta para a estudares, de tarde, quando eu estiver a dormir a sesta... (*À parte*) Mandem lá ensinar piano às raparigas numa terra em que os poetas inspirados dizem às meninas que se fazem ninhos nos trigos de Campanhã!... e que se aquecem os ovos... O Porto está pior que o México a respeito de ovos e de ninhos...

BARNABÉ (*entrando pelo fundo*)

Ainda havia água quente. Ela aqui está (*Dá-lhe a chocolateira*)

BARNABÉ

Bem, vou para o meu quarto. (*Mudando de ideia*) Mas, se estiveres quieta... Um pai pode escanhoar-se na presença da filha.

(Arranja os utensílios, e remexe o pincel na vasilha do sabonée)

EETELVINA *(a Sebastiana)*

Veio carta para mim?... de Braga?

BARNABÉ

Não, minha senhora, o carteiro passou há muito. *(Sai pela porta do fundo)*

EETELVINA *(consigo mesma)*

É espantoso! Há três dias que Macário foi para Braga, e nada de notícias! Se eu não tivesse inteira confiança no seu amor... Talvez uma catástrofe! Acontecem tantas desgraças nos caminhos de ferro!... *(Vai agitadamente para o pai que lhe voltou as costas e se está barbeando)* Meu pai! *(Com intimativa)*

BARNABÉ

Que é? Cuidado, que por pouco me não cortei... Que temos?

EETELVINA

Acha isto natural?

BARNABÉ

Natural, o quê?

EETELVINA

Três dias de ausência sem me escrever?

BARNABÉ

Ah! sim, o Macário? *(À parte)* Bem me importa a mim isso... *(Alto)* Se ele foi buscar os papéis a Braga, é preciso dar-lhe tempo. *(Torna a escanhoar-se)*

EETELVINA *(passeando)*

Dar-lhe tempo, dar-lhe tempo! Eu não exijo que ele volte; mas que me escreva; não se está assim três dias... a fazer o quê?... que dificuldades encontrou?

BARNABÉ

Não andes assim nesse passo que me incomodas. Fazes tremer o sobrado.

EDELVINA

O pai não sabe o que é amor!

BARNABÉ

Soube-o primeiro que tu, e dou-te a minha palavra que depois que a gente sabe o que isso é, e pensa a sangue frio... não vale um caracol o amor... Tu o saberás...

EDELVINA

Há três meses que conheço Macário, e a toda a hora maldigo as formalidades portuguesas, e pergunto de que servem para a gente se casar, papéis, banhos, tabelião, padre, sacristão...

BARNABÉ

Há pessoas que dispensam tudo isso... mas (*com energia*) fazem mal... fazem muito mal... Sem tabelião, e banhos, e padre e sacristão não há honra.

EDELVINA

Finalmente, logo que Macário chegar com os papéis, não haverá impedimentos...

BARNABÉ

Isso lá de impedimentos... veremos.

EDELVINA (*derrubando uma cadeira, e indo direita ao pai*)

Haverá alguns? diga...

BARNABÉ (*cortando-se*)

Cá está um... vê tu?

EDELVINA

Um impedimento?

BARNABÉ

Um golpe de navalha... estou acutilado!

EETELVINA (*estancando-lhe o sangue com o lenço*)

Deixe ver... Isto não é nada.

BARNABÉ

Arde-me... e bastante...

EETELVINA

Vai passar.

BARNABÉ

Fala-me, se queres, mas lá de longe... Eu só de longe é que ouço bem.

EETELVINA (*afastando-se e levantando a cadeira*)

Faço-lhe a vontade; mas o pai falou de um impedimento... desejo conhecê-lo.

BARNABÉ

É o meu consentimento.

EETELVINA

O seu consentimento?

BARNABÉ

Está claro; tu não podes casar sem eu consentir... A lei é positiva.

EETELVINA

Que arrelia! Isso quer dizer que, se o pai não ama Macário, também eu não posso amá-lo...

BARNABÉ

Lá tu amá-lo podes... mas não basta...

EETELVINA

Não posso casar com ele, se o pai o não amar?...

BARNABÉ

Não.

EETELVINA

As leis portuguesas dizem isso? Existem absurdos tais num povo livre?

BARNABÉ (*limpando a navalha e pondo-a sobre o contador*)

Tal e qual, minha filha. Ora agora, quanto a Macário...

EETELVINA (*passando para a esquerda*)

Meu pai, eu amo Macário!

BARNABÉ

Ele não tem cheta.

EETELVINA

Amo Macário!

BARNABÉ

Passa a vida nos bilhares e nas cervejarias.

EETELVINA

Mas eu amo-o.

BARNABÉ

Serás desgraçada com ele.

EETELVINA

Acabemos com isto. Amo Macário!

BARNABÉ

“Amo Macário, amo Macário!” Estás-me cantando o 1º Ato da

Favorita. "Eu o amo, eu o amo!"

EETELVINA

Dá ou não dá o consentimento?

BARNABÉ

Não.

EETELVINA

Não? (*Pega da navalha*) O pai é implacável, hein?

BARNABÉ

Que é o que ela tem na mão? Céus! a minha navalha!

EETELVINA (*caminhando e brandindo a navalha e o pai a seguiu-la*)

Trato de me evadir às leis infames deste país. Suicido-me.

BARNABÉ

Larga a navalha.

EETELVINA

Última vez: consente?

BARNABÉ

Consinto: casa com ele.

EETELVINA (*largando a navalha e abraçando-o*)

Obrigada, meu pai, obrigada!

BARNABÉ

Agora, asfixias-me... (*Passa para a direita, levanta a navalha e coloca-a sobre o contador*) Cruzes!

EETELVINA

Mas o silêncio dele assusta-me, meu pai! Três dias sem notícias! Vou escrever a Macário; e, se me não responder, amanhã parto para Braga. Se lhe tivesse acontecido algum revés! (*A Sebastiana, que entra*)

pelo fundo) Sebastiana, não estou em casa para ninguém, absolutamente para ninguém. (*Entra pela direita*)

BARNABÉ

Sou o pai desta pombinha... É um anjo... Se eu me vejo livre desta ardente criatura do México... Sebastiana, dá-me o casaco e o chapéu.

BARNABÉ

Sim, senhor. (*Sai pela esquerda*)

BARNABÉ (*só*)

Deixá-la casar com o Macário! O que eu quero, sobretudo, é paz e sossego... O casamento favorece os meus projetos... Falaram-me de uma quinta que se vende em S. Mamede de Infesta. O dono mora perto daqui; vou tratar com ele; e, se não for muito cara, o meu sonho desta noite realiza-se... O repuxo! Ah! o repuxo!

BARNABÉ (*entrando com o casaco e o chapéu*)

Aqui estão as coisas.

BARNABÉ (*despindo o robe-de-chambre*)

Obrigado... Ajuda-me... (*Vestindo-se*) Irei viver sozinho em paz e sossego.

BARNABÉ

O senhor vem jantar?

BARNABÉ

Sim, mas há de ser tarde. (*Sai pelo fundo repetindo*) Em paz e sossego...

BARNABÉ (*só*)

Muito bom sujeito! (*Arruma*) ; mas a filha... Ah! tenho pena do tal Macário, se casar com ela! Credo! se eu fosse homem, e topasse uma criatura assim... ó senhores!... Enfim, isto de homens gostam assim das mulheres que puxem por eles... Mas esta ida a Braga... Quem sabe se o tal Macário... an, an... (*Toque fora*)

Quem sabe se é ele?

(Libório entra pelo fundo)

CENA V

Sebastiana e Libório.

BARNABÉ

Ai! não é ele!

LIBÓRIO

Não é ele: sou eu.

BARNABÉ

O senhor que quer?

LIBÓRIO

A Sra. D. Etelvina Barnabé, uma mexicana de raça portuguesa...

BARNABÉ

É aqui; mas...

LIBÓRIO

Ela saiu? É o que eu quero. *(Assenta-se, e apresenta um aspecto risonho)*
Vou-me ensaiar.

BARNABÉ

Mas a senhora está em casa.

LIBÓRIO *(erguendo-se de ímpeto, e tornando-se grave)*

Recolho o meu sorriso; nesse caso vai dizer a tua ama...

BARNABÉ

A senhora está a escrever, e proibiu-me de a interromper.

LIBÓRIO *(tornando-se a sentar risonho)*

Muito bem... vou-me ensaiar.

BARNABÉ (*à parte*)

A falar a verdade, a menina é tão esquisita que, se eu a não aviso, é capaz de se escamar. (*Alto*) O senhor como se chama?

LIBÓRIO

Como me chamo?

BARNABÉ

Sim... vou avisar a senhora. Quem direi que a procura?

LIBÓRIO

Anuncia-lhe... um desgraçado! (*Passa para a esquerda*)

BARNABÉ

Um desgraçado?!

LIBÓRIO

Não... (*À parte*) Seria parlapatice demais...

BARNABÉ

Então que decide?

LIBÓRIO

A tua ama é nervosa?

BARNABÉ

O senhor que diz? olha que pergunta!

LIBÓRIO

Deve ser nervosa... Olha bem para mim... Vês esta cara melancólica? vês? pois vai dizer à menina Etelvina que está aqui um sujeito com cara de quem chorou...

BARNABÉ

Como? o senhor quer que eu diga...

LIBÓRIO

Não, outra coisa... espera...

BARNABÉ

O senhor não pense que eu vou agora incomodar a menina para lhe fazer o seu retrato.

LIBÓRIO

Tens razão; não a incomodes... Esperarei... convêm-me esperar...

BARNABÉ (*à parte*)

Tem grande telha o homem!

LIBÓRIO

Como te chamas?

BARNABÉ

Para que o quer saber?

LIBÓRIO

Para quê? É para não estar a chamar-te criada; mas, tens razão... Que me importa a mim? Eu queria chamar-te Mariquinhas ou Teresinha... Que lindos olhos tu tens, e que cinta!... (*Cinge-a pela cintura*)

BARNABÉ

Está bonita a chalaça!... foi para isto que veio cá?

LIBÓRIO

Não. Tu me impões o cumprimento de um dever. Obrigado, rapariga, obrigado!

BARNABÉ (*à parte*)

Ele é doido; mas aparelha bem com a minha ama... Cá se avenham, que eu vou para a cozinha. (*Sai pelo fundo, levando o robe-de-chambre de Barnabé, e os utensílios de barbear*)

CENA VI

LIBÓRIO (*só, arrumando à esquerda o chapéu e a bengala*)

Eis-me a braços, com a minha missão!... Aquele diabo do Macário!... Acabou-se... Não há remédio... Ontem à noite, entrei no café Lisbonense, e estava lá o Macário a apostar ao bilhar. Assim que me avistou, veio direito a mim, e disse-me: “Libório, és meu amigo?” Eu conhecia-o de ter estado com ele no colégio do Six, onde tínhamos rilhado de parceiros algumas raízes de latinidade. Respondi-lhe: “Sim, sou teu amigo para a vida e para a morte.” — “Para a morte? exclamou ele. É o que eu exijo da tua amizade. Se me amas, vais matar-me!” E em poucas palavras contou-me os seus amores com uma mexicana a quem prometera casamento. “Esta neta de Montezuma, disse ele, não pega como uma obreia — agarra-se à gente como cola forte: é um betume. Quer por força pregar comigo na igreja. Se eu não casar com ela, mata-me; e eu prefiro antes morrer às tuas mãos que às dela.” Falou-me então de uma fantástica saída para Braga, e encarregou-me da missão que venho cumprir... Confesso que não me encarregaria disto sem umas certas intenções... O retrato que ele me fez dessa Etelvina realiza os meus ideais. Uma rapariga selvagem é ave rara no Porto!... Uma mulher que tem nas veias sangue dos Incas!... alto lá com ela! Está no meu gosto. Resolvi, por tanto, relacionar-me com a pequena; e, se me agradar, tratarei de lhe dar algum alívio, e passo a empreender a conquista do México. (*Olha para o lado direito*) Abre-se uma porta... é talvez a pequena... Agora é que são elas... Firme!...

CENA VII

Libório, Etelvina (entrando pela direita) .

ETELVINA (*com uma carta na mão*)

Está feita a carta... já pro correio... (*Avistando Libório*) Um homem!...

LIBÓRIO (*cumprimentando*)

Minha senhora... (*À parte*) Fatia!... rica natureza!

EDELVINA

O senhor quem procura?

LIBÓRIO

A Sra. D. Edelvina Barnabé.

EDELVINA

Sou eu.

LIBÓRIO (*sorrindo*)

Minha senhora... (*À parte*) trabalha-se bem no México... (*Alto*) Venho encarregado de lhe transmitir uma importante notícia...

EDELVINA

Notícia?

LIBÓRIO (*à parte*)

Circunspeção...

EDELVINA

Queira dizer (*apontando-lhe uma cadeira e sentando-se*) .

LIBÓRIO (*pegando de uma cadeira do fundo à esquerda e sentando-se, à parte*)

Estou atrapalhado... (*Alto*) Minha senhora, acabo de chegar de Braga.

EDELVINA (*erguendo-se, e ele também*)

De Braga?

LIBÓRIO (*passando para a direita, à parte*)

Parece que o cavaco tem de ser de pé. (*Alto*) ... Venho de Braga, onde estive com Macário...

EETELVINA

O senhor é amigo dele?

LIBÓRIO

Sim... isto é... sim... oh! certamente... amigo intima...

EETELVINA (*com veemência*)

Por que não está ele aqui ao pé de mim como prometeu e jurou? Por que me não escreve? por que é? diga-me o senhor por que é?

LIBÓRIO (*à parte*)

Que bonita ela é zangada!

EETELVINA

O senhor não responde?

LIBÓRIO

Responderei. (*À parte*) Circunspeção! (*Alto*) Macário ficou em Braga... e encarregou-me de comunicar a vossa excelência as razões que o prendem lá.

EETELVINA

Mas acabe com isso... vamos diretos à questão... Nada de delongas...

LIBÓRIO (*à parte*)

Também não é feia na impaciência!... (*Alto*) Minha senhora, o imprevisto é o maquinista da existência... O acaso arranja uns cenários, umas tramoias que parecem de peça mágica...

EETELVINA

Que mais?

LIBÓRIO (*à parte*)

Não vamos logo às do cabo. (*Alto*) Ah! minha senhora... ser jovem, belo, amado de uma mulher... isso não é razão para impedir que um mau destino... pelo contrário é pior...

EETELVINA

Ó senhor! por piedade! Acabe...

LIBÓRIO

Macário disse a vossa excelência, creio eu, que ia a Braga buscar uns papéis...

EETELVINA

E mentiu-me?

LIBÓRIO

Quanto ao fim da viagem, mentiu. Ninguém hoje vai a Braga senão por dois motivos.

EETELVINA

Quais?

LIBÓRIO

Ou se vai ao Bom Jesus ver os judeus e comer frigideiras, ou terçar no campo da honra dois floretes, desde que os duelos no Porto, por muito repetidos, têm a polícia numa constante vigilância.

EETELVINA

Um duelo!?

LIBÓRIO

Um conflito de honra...

EETELVINA

Ele foi bater-se? Ficou ferido?

LIBÓRIO

Minha senhora...

EETELVINA

Ligeiramente ferido, sim? quase nada? Oh! diga-me que não é nada!

LIBÓRIO

Minha senhora... Macário... ah!... não posso... Se vossa excelência soubesse...

ETELVINA

Ó céus!... que foi?...

LIBÓRIO (*à parte*)

Chegou o momento.

ETELVINA

Macário?...

LIBÓRIO

Macário...

ETELVINA

Morto!

(Libório está um momento silencioso; depois, ampara a cabeça com as mãos)

ETELVINA (*expedindo um enorme grito*)

Ah!

LIBÓRIO

Minha senhora...

ETELVINA

Morto! assassinado... ele!... ah! (*Roda sobre si mesma duas vezes e vai desmaiar no canapé*)

LIBÓRIO

Hein! ela desmaia!... ora esta! Não a julgava capaz desta tolice! (*Vai junto dela*) Menina... Acho que chamo alguém... Mas que historietas se vão arranjar com este caso!... Menina, peço-lhe que recupere os sentidos... Se eu a despertasse... Mas é preciso mexer-lhe nos

colchetes... Não, não me atrevo a fazer tanto... O coração bate-lhe... Estou mais sossegado... É gentil!... é mais que gentil, é formosa! Isto é bom a valer!... E aquele parvo do Macário a desdenhar... Ela está ganhando cores... já lhe tremem as asas do nariz... e pestaneja. Volta à vida... Se eu me safasse agora... (*Vai a querer sair e retrocede*) Não: já agora fico, suceda o que suceder.

EETELVINA

Onde estou?

LIBÓRIO

Menina...

EETELVINA

Quem me fala? quem é o senhor? (*Encarando-o*) ah!

LIBÓRIO

Por quem é, sossegue!

EETELVINA

Esta voz... esta cruel voz...

LIBÓRIO

Que é?

EETELVINA

Recordo-me... Macário, o meu noivo, a minha alma... ah! ah! ah!
(*Recai sobre o canapé e chora*)

LIBÓRIO (*à parte*)

Palavra, que me mordem remorsos..... Se eu previsse... Acabou-se... Vou-lhe dizer tudo... (*Caminha para ela; mas reconsidera*) É demais atormentar assim esta mulher com mentiras... Diabo! como ela chora... (*Avizinha-se*) Minha senhora, então, então...

EETELVINA (*erguendo-se energicamente, limpando as lágrimas, e passando para a direita*)

Basta de fraqueza! Nada mais de choros! Um celerado matou Macário... e eu aqui a carpir-me em vez de o vingar! (*Vai a Libório*) O senhor foi testemunha do duelo?

LIBÓRIO

Sem dúvida... isto é... sim... fui testemunha. (*Com dor*) Fiz quanto podia; mas...

EETELVINA

Sabe qual foi a causa do duelo?

LIBÓRIO

A causa? ora, se sei... pois não sei?... (*À parte*) Ó diabo!... (*Alto*) pois não hei de saber a causa? não sei eu outra coisa...

EETELVINA

Então diga lá qual foi?

LIBÓRIO

Uma questão de carambolas... A paixão do Macário... bem sabe... é o bilhar... Por causa de uma carambola...

EETELVINA

De uma carambola?

LIBÓRIO

Sim... o parceiro tinha descolado a bola.

EETELVINA

Está bem... não quero saber disso... Logo que o motivo não foi outra mulher, o resto não me importa. Como se chama o adversário?

LIBÓRIO

O adversário?

EETELVINA

O nome dele?

LIBÓRIO

Então quer que eu lho diga...

EVELVINA

O nome do assassino. (*Libório hesita*) Vamos!

LIBÓRIO

Ah! sim o nome do assa... Ora espere... Mas é que eu fui padrinho do Macário... e não conheço o outro...

EVELVINA

Ora essa! um padrinho deve conhecer os dois.

LIBÓRIO

Tem razão; é natural que mo dissessem; mas a comoção...

EVELVINA (*à parte*)

O homem está atrapalhadíssimo! (*Alto*) Mas o senhor quem é? como se chama?

LIBÓRIO

Libório, minha senhora, Artur Libório; profissão, filho-família que devora a legítima paterna; mas tenho muitos tios ricos...

EVELVINA

Pois então, senhor Libório, meu presado senhor Libório, diga-me o nome...

LIBÓRIO

De quem?

EVELVINA

Do assassino de Macário.

LIBÓRIO

Palavra de honra que não sei...

EETELVINA

O senhor mente!

LIBÓRIO

Ó minha senhora...

EETELVINA

Não é possível...

LIBÓRIO

Antes isso... que é menos indelicado...

EETELVINA

Está bom: eu saberei o nome. Onde foi que se bateram?

LIBÓRIO

Onde foi?

EETELVINA

Também não sabe?

LIBÓRIO

Não sei eu outra coisa! mas essas miudezas... (*À parte*) ela embrulha-me!

EETELVINA (*à parte*)

Outra vez atrapalhado!

LIBÓRIO

Foi numa carvalheira... A Sra. D. Etelvina conhece Braga?

EETELVINA

Nada.

LIBÓRIO (*à parte*)

Ainda bem! (*Alto*) Braga tem a figura de um enorme bacalhau da

Noruega, e tem 3 portas. Nós saímos pela estrada de Guimarães. Foi ao pé da Falperra. Carregando à mão direita topa-se uma azenha, depois sobe-se um pedaço de monte, toma-se para a esquerda, e entra-se numa mata virgem... Foi aí que se bateram.

EDELVINA

Não preciso mais nada. A que horas se sai para Braga?

LIBÓRIO

Há três comboios a escolher.

EDELVINA

Iremos no primeiro.

LIBÓRIO

Iremos?!

EDELVINA

Duvida acompanhar-me?

LIBÓRIO

Eu?

EDELVINA

Ir mostrar-me a fatal mata virgem, e auxiliar-me nas minhas pesquisas até descobrir o assassino de Macário?

LIBÓRIO

Mas, minha senhora...

EDELVINA

Não vai?

LIBÓRIO

Irei; mas...

EDELVINA

Vou escrever ao meu pai, preparar a maleta e vamos... (*Vai para a direita*)

LIBÓRIO
Sozinhos?

ETELVINA
Com meu pai... Jura que me espera?

LIBÓRIO
Faça favor de refletir... A minha senhora...

ETELVINA
Jura?

LIBÓRIO
Sobre os manes de Macário! juro!

ETELVINA
Obrigada! venho já. Oh! sim! a Braga, no expresso! (*Sai velozmente pela direita*)

LIBÓRIO (*só, cobrindo-se*)
Toca a safar! É uma canalhice faltar ao juramento... mas basta de asneiras... Onde está o meu chapéu? A rapariga é bonita, é adorável; mas leva-la a Braga e mais o pai, e continuar esta tramoia absurda... — onde poria eu o chapéu? — que eu vim representar no seio desta família (*Põe a mão na cabeça*) Cá está o chapéu... Por aqui me esgueiro...

(*Vai a sair pelo fundo, e encontra Barnabé que entra*)

CENA VIII

Barnabé e Libório.

BARNABÉ (*vendo Libório*)

Olha o Libório!... (*À parte*) que veio aqui fazer este tipo?

LIBÓRIO

O meu parceiro do quino!...

BARNABÉ

O grande pandego por aqui?

LIBÓRIO (*à parte*)

E eu que ainda ontem estive a jogar com ele... Isto vai transtornar a patranha...

BARNABÉ

Então que feliz acaso o trouxe aqui a minha casa?

LIBÓRIO

A sua casa?... É célebre coisa! Eu não sabia que o amigo Barnabé era o pai da menina... Muito gosto em o conhecer...

BARNABÉ

Ainda me não explicou o mais importante.

LIBÓRIO

Acabo de ter o prazer de comunicar a sua filha uma tristíssima notícia...

BARNABÉ

Sim? então que foi?

LIBÓRIO (*querendo sair*)

Não... Já bastará... dispenso o bis... Ela cá lho contará...

BARNABÉ (*sustendo-o*)

Senhor Libório, eu sou pai... ouviu?

LIBÓRIO (*à parte*)

A pequena é encantadora, e não será mau sondar o pai... (*Alto*) O

senhor conhece o Macário?

BARNABÉ

Muito... demais.

LIBÓRIO

Vim anunciar-lhe que ele morreu.

BARNABÉ (*com júbilo*)

Que me diz?

LIBÓRIO (*admirado*)

Gosta?

BARNABÉ (*reconsiderando-se*)

Não... pobre rapaz... Sem dúvida, deploro esse caso palpitante! mas enfim (*alegremente*) faz-me conta.

LIBÓRIO

Sim? Faz-lhe conta?

BARNABÉ

É o que eu lhe digo. Ele ia casar com a pequena... Consenti com muito custo. Não gostava do homem, eu; e persuado-me que a minha filha se daria mal com ele. Por tanto, como indivíduo, lamento-o; como pai, exulto.

LIBÓRIO (*à parte*)

Isto vai bem, vai bem... mas então é inútil que eu o convença de que... (*Alto*) Sr. Barnabé... (*Leva-o para a esquerda*) Psiu... Macário está de perfeita saúde.

BARNABÉ

O Macário que morreu?

LIBÓRIO

Não é isso... não morreu...

BARNABÉ
Isso mau é!...

LIBÓRIO
Aí vai o enigma em duas palavras. Macário fez à sua filha juramentos que não quer cumprir, percebe?

BARNABÉ
Diga o resto.

LIBÓRIO
E para fugir à vingança, pediu-me que viesse dar parte da sua morte.

BARNABÉ
É um caso bonito e extraordinário, esse...

LIBÓRIO
Eu fiz um relatório em regra... um duelo em Braga, etc., etc., etc.

BARNABÉ
Ela havia de fazer aí o diabo!... Ela não lhe bateu, hein?

LIBÓRIO
Não; mas soluçou, desmaiou, escabujou... Oh! soberba criatura na sua angústia!

BARNABÉ
Está ali uma linda viúva, não acha?

LIBÓRIO
Afinal quer que eu vá com ela a Braga.

BARNABÉ
O senhor?

LIBÓRIO

Eu e mais o senhor. Quer que vamos os três.

BARNABÉ

Então desconfia da peta?

LIBÓRIO

Não, senhor. Quer ir vingar a morte do noivo.

BARNABÉ

Toma!

LIBÓRIO

E exige que eu lhe diga o nome do assassino; e como até esta data o único assassino de Macário sou eu...

CENA IX

Os mesmos e Etelevina, que vinha entrando pela direita, e, ao ouvir a última frase, se esconde.

ETELVINA (*à parte*)

Que disse ele?

LIBÓRIO

Agora, já o meu amigo entende a minha atrapalhão...

ETELVINA (*à parte*)

A sua atrapalhão!...

BARNABÉ

Por que lhe não disse um nome qualquer?

LIBÓRIO

Não me ocorreu essa ideia...

ETELVINA (*à parte*)

Que mistério é este?

LIBÓRIO

Já vê em que entalas eu me acho... A cada instante, quase que me estendia... Que cólicas eu rapei! Eu não queria de modo algum que ela soubesse que...

EVELVINA (*à parte*)

Que horrores eu estou adivinhando!

BARNABÉ

Soubesse o quê?

LIBÓRIO

Jogo franco. Macário falou-me da sua filha nuns termos que espicaçaram a minha curiosidade...

BARNABÉ

Com efeito... espicaçaram-no os termos...

LIBÓRIO

Meu amigo, simpatizo com esta menina original...

EVELVINA (*à parte*)

Hein?

LIBÓRIO

É o que lhe digo... Amo as plantas exóticas... Gosto destes licores capitosos de fábrica estrangeira, e rejeito os xaropes amelaçados da fábrica nacional.

BARNABÉ

Em suma, o senhor gosta da minha filha...

LIBÓRIO

Deveras.

EVELVINA (*à parte*)
Ele ama-me!... que horror!

BARNABÉ
Querido Libório! (*À parte*) Ele é rico... (*Alto*) O seu pedido faz-me
muita honra... mas...

LIBÓRIO
Recusa?

BARNABÉ
Aceito.

(*Dão-se as mãos*)

EVELVINA (*à parte*)
Que revelação!

BARNABÉ
Mas o essencial é conquistar a vontade dela... Uma feliz lembrança!
vamos partir todos para Braga...

LIBÓRIO
Parece-lhe?...

BARNABÉ (*gracejando*)
O senhor não se arrisca a encontrar o assassino de Macário, pois
não?

LIBÓRIO (*rindo*)
É muito provável que não...

BARNABÉ
Vocês viajam juntos; e enquanto finge que faz indagações, vai-lhe
fazendo a corte.

LIBÓRIO

É isso, perfeitamente.

BARNABÉ

Eu vou também... bem me custa; mas enfim não há conveniências a guardar quando se trata do futuro de uma filha.

LIBÓRIO

Mil graças, Sr. Barnabé.

BARNABÉ

Venha comigo ao meu quarto, e ajuda-me a fazer a mala.

LIBÓRIO

Com muito prazer! Estou contentíssimo!

BARNABÉ

E então eu! Vi-me livre do Macário! Que bem fez o senhor em matar esse bigorriha! (*Entram pela esquerda*)

CENA X

ETELVINA (*só*)

Ele! foi ele o assassino de Macário! e o meu pai sabia-o! e ambos eles querem que eu case!... Mas que país é este... este Portugal... este mundo onde o assassino cobiça a noiva da vítima! E pude conter-me! E não avancei para ele como uma leoa, como a pantera ferida! Oh! mas ele volta, e então... Não, não é com um golpe de punhal que ele morrer! Para crimes monstruosos é necessário vinganças excepcionais! Há de morrer não a golpes de punhal, mas a picadelas de alfinete! Ele ama-me!... ama-me!... quer esposar-me!... por que não? por que não? Pois não é justo que o seu nome e a sua honra me pertençam? (*Irônica*) Ah! com que júbilo eu não proferirei diante do sacerdote, o ditoso sim, a doce renúncia de mim toda! Nunca uma noiva apaixonada, mais ternamente, nunca uma solteirona de 35 anos terá proferido esse sim com maior exultação! Ah! parece-me que me estou vendo e ouvindo quando o padre me disser: "Recebe

como esposo o Sr. Libório?” e eu com a coroa de virgem na cara e a raiva no coração e a injúria nos lábios e os olhos em terra, responderei “sim, sim, sim!” Ó meu Macário, conta com uma vingança desconhecida na Europa! uma vingança mexicana! Ah! lá da mansão celeste, tua derradeira morada, ver-me-ás com ufania!... Vem gente... é ele!... Cala-te, meu coração!... Sorride meus lábios! Silêncio, minhas saudades! É forçoso! é forçoso!... (*Senta-se junto ao piano*)

CENA XI

Libório, Barnabé, Etelvina.

BARNABÉ (*fora*)

Confio-lha; mas não lhe dê grandes abalos.

(*Entra pela esquerda com Libório*)

LIBÓRIO (*com uma grande mala*)

Pesa que tem diabo!

BARNABÉ

Pesa, pesa... Obrigado... Eu é que já não posso com isso.

LIBÓRIO (*vendo Etelvina, baixo a Barnabé*)

Cá está ela... Alerta!

BARNABÉ

Justo... Façamos caras dolorosas. (*Avança e para*) Cuidei que ela estava arranjando as malas...

LIBÓRIO (*baixo*)

Está a pensar nele...

BARNABÉ (*aproximando-se em tom magoado*)

Etelvina, Etel...

EETELVINA

Quem me chama?

BARNABÉ

Ninguém... isto é, sou eu, teu pai. (*Aponta para Libório e faz com que ela o veja com a mala*) Estamos prontos para partir...

EETELVINA (*como se não entendesse*)

Partir não entendo...

BARNABÉ

Não entendes? boa!... O Sr. Libório contou-me...

EETELVINA

Então já sabe?

BARNABÉ

Sim, sei. Que se lhe há de fazer? A Parca é inflexível!

EETELVINA

E o papá tem grande pena, não tem?

BARNABÉ

E que pena! aqui tens a prova... ali está a mala... Resigno-me a ir a Braga, auxiliar-te nas tuas indagações.

EETELVINA

Quais indagações?

BARNABÉ

Então nós não vamos procurar o assassino de...

EETELVINA (*erguendo-se de golpe*)

O assassino de Macário?... (*Avança para Libório, que sustenta sempre a mala, e recua diante do olhar dela*) O senhor que tem? que tem o Sr. Libório?

LIBÓRIO

Eu?... nada...

EDELVINA

Pensei que estava atarantado...

LIBÓRIO

Um pouco, com esta mala...

EDELVINA (*à parte*)

O remorso estrangula-o!... (*Alto*) O senhor era amigo dele, não era? muito amigo dele, pois não?

BARNABÉ

Está bom, está bom... tem muito tempo de conversar na jornada...

EDELVINA

Qual jornada?

BARNABÉ

Pois nós não vamos a Braga?

EDELVINA

Fazer o quê?

BARNABÉ

Mas o Sr. Libório não me disse que tu...

EDELVINA

Ah! sim... no primeiro momento, queria... pensava mas mudei de tenção... Não vamos.

LIBÓRIO (*deixando cair a mala*)

Hein?

BARNABÉ

Boa vai ela!

EETELVINA

De que serve procurar esse feliz contendor... O duelo é um jogo de azar... e a minha vingança não se submete ao acaso... (*Passa para a direita*)

BARNABÉ

Apoiada! tens muita razão! isso é que é ter juízo! (*A Libório*) Está aplacada!... Bravo!

LIBÓRIO (*à parte*)

É o arco da velha a anunciar trovoadas.

CENA XII

Os mesmos e Sebastiana.

BARNABÉ (*entrando pelo fundo*)

Está o almoço na mesa.

EETELVINA

Põe mais um talher.

BARNABÉ

Três talheres?

EETELVINA

Pois então, meu pai! não há nada mais natural... O Sr. Libório, que chegou de Braga, e que veio prestar-nos um serviço, não duvidará aceitar...

LIBÓRIO

Eu... mas... (*À parte*) Bem disse eu que era o arco da velha... (*Alto*) com muito prazer.

EETELVINA

O seu braço, Sr. Libório.

(Libório oferece-lho e sobem)

BARNABÉ *(à parte)*

Este será também um noivo?

BARNABÉ *(à parte)*

Que mudança ela fez!

EVELVINA *(para o pai, parando à porta do fundo)*

Então, meu pai? Vem? está a pensar no Macário, ou no assassino de Macário? Vamos almoçar.

(Saem)

BARNABÉ *(pensativo)*

Mau! mau! Bem dizia o Libório... O arco da velha vai dar muita chuva... *(Segue-os)*

ATO II

Quarto de dormir. Ao fundo, um leito cujos cortinados, pendentos de um dossel, estão meio-cerrados. Um pouco aquém uma porta que abre para um gabinete de toilette. À direita, no primeiro plano, uma janela fechada com cortinas e store. No fundo, à direita do leito, a porta da entrada. À direita, no 3.º plano, uma porta de comunicação para o quarto de Etelvina. À direita, na frente, uma mesa. À esquerda uma jardineira sobre a qual está uma caixa de charutos, fósforos, e um barrete de veludo. Ao pé da jardineira, sobre uma cadeira, uma camisola. À direita, uma cadeira de estofado sobre a qual estão as calças de Libório. Ao pé uma bota e um chinelo. À cabeceira do leito, uma bispoteira. Cadeiras de estofado, quadros, etc. Uma lanterna de furta-fogo sobre a jardineira.

CENA I

Etelvina (só), Libório (no leito meio oculto).

(Ao correr do pano, a cena está iluminada pela lanterna, deixando na penumbra o leito. Quando corre o pano, Etelvina, erguida ao fundo sobre uma cadeira, pendura uma das botas de Libório num painel; depois desce, pega da lanterna, examina a bota, e diz)

ETELVINA

Bem... está como se quer... de um belo efeito! Mas, se ele não visse... Ah! tenho aqui linha... *(Põe a lanterna sobre a mesa, e sacando da algibeira um novelo de linha volta a subir à cadeira, prende a extremidade da linha à bota; e descendo, traça com o fio no tabuado uma linha que vai até à mesa sobre a qual põe o novelo; aí pega de um bocado de giz, senta-se e escreve sobre a mesa, falando em voz alta)* “Seguir o fio”. *(Ergue-se, e vai ao pé do leito)* Acordaria ele?... não. *(Ouve-se rressonar ao fundo)* Ele rressona, o miserável rressona! Condenei-o a passar as oito primeiras noites de casado num a completa solidão, e ele rressona indiferente à minha ausência! Antes assim!... Hoje entramos na nova crise, a crise das pequenas misérias, as picadelas dos alfinetes antes das punhaladas... Vejamos se me lembrou tudo. *(Senta-se à mesa, e lê num a carteira à luz da lanterna)* “Despregar por três lados os cortinados do leito para que lhe caiam sobre o nariz.” Isso está feito e bem me custou... *(Lendo)* “Furar os charutos”. Já furei. “Polvilhar de pimenta o boné.” Já tem. “Coser os lenços às algibeiras”. Estão cosidos. “Esconder um dos chinelos e uma das botas; adiantar a pêndula e atrasar o relógio; deixar-lhe só um tostão no *porte-monnaie*, e cortar os elásticos dos suspensórios”. Está tudo feito. *(Lendo)* Acordá-lo de sobressalto para lhe causar um grande estonteamento”. É o que se vai fazer. *(Ergue-se e dirige-se com a lanterna para a porta da direita)* Ah! Libório, assassino de Macário, o céu é justo, e a hora da vingança soou! *(Proferindo esta frase, tira da algibeira uma pistola; dita a última palavra, dá um tiro e sai fechando sobre si a porta. Completa escuridão)*

CENA II

LIBÓRIO *(só)*

Ui! isto que foi? Que é isto? *(Espreita por entre as cortinas)* Entre quem

é! Quem está aí? Não é ninguém... quem foi que me acordou? Parece que ouvi um tiro ou um espirro enorme, não sei bem o que foi... Estaria eu a sonhar? Ninguém aqui vem espirrar de noite no meu quarto, e mais sou casado, casado há oito dias! Tudo está em repouso, exceto a minha imaginação. Isto que horas serão? As cortinas estão fechadas... não se vê boia... escuro como um prego... Felizmente o meu relógio é de repetição (*Toca na mola do relógio pendurado no espaldar do leito, e ouve 4 horas*) Quatro horas! ainda quatro horas! Ah! as noites solitárias!... como são eternas! Vamos ver se se adormece... (*Deita-se, a pêndula dá horas, e ele conta-as em voz alta, erguendo a cabeça a cada nova pancada*) Uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez... Dez horas! Como dez horas! E o meu relógio que só dá quatro... (*Assenta-se na cama*) E são ambos do mesmo relojoeiro! Mas, se já fossem dez horas, eu devia estar a pé. Principiemos por abrir os cortinados. (*Puxa pelas cortinas que caem e o embrulham*) Que é isto, com dez raios de diabos... Larguem-me, larguem-me!... Larguem-me o quê?! Grande besta que eu sou! Ninguém me prende... são os cortinados que eu agarro... que me agarram a mim. (*Ao desembaraçar-se das cortinas cai da cama ao chão*) Que trapalhada é esta! o dia principia mal... Vou correr as cortinas e os stores. Não gosto da escuridão. (*Abre: é dia claro*) É dia claro! A pêndula tinha razão. Toca a vestir depressa. (*Pega das calças e vai vesti-las atrás do fauteuil; calça um chinelo e procura o outro*) Onde estará o outro sapato? Não me aparece senão este... Parece-me obra do diabo isto! Vou calçar as botas. (*Depois de calçar uma*) Onde está a outra? Como é isto de achar só um chinelo e uma bota? Seria a Sebastiana? Ela ficou de me chamar às nove horas, e entraria sem eu dar fé... mas para que fim me levaria só uma bota? (*Trata de cruzar um suspensório que quebra*) Irra! agora são os suspensórios! (*Aperta o outro, enraivado*) Que inferno este! (*Quebra o outro*) Lá vão ambos! (*Atira-os ao chão*) A fivela estará direita? está... segura-se... Valha-nos isso. (*Procurando*) O meu boné? Está acolá... (*Cobre-se*) A camisola? está aqui... (*Veste-a*) Agora, vou procurar... (*Suspende-se*) Mas se ainda é cedo... (*Espirra*) que raio de cheiro a pimenta! Se a Sebastiana tivesse vindo, acordava-me como eu lhe ordenei... Não serão ainda nove horas? Receio de ir acordar... Vou fumar um charuto. (*Pega de um charuto e fósforo*) O fumar de manhã aclara-me as ideias. Santo

Deus, como é incomodo passear com uma bota e um chinelo! (*Assenta-se à esquerda do gueridon*) Enquanto Sebastiana não vem, recapitulemos os meus infortúnios fumando um delicioso havano... (*Espirra*) Que é o que cheira aqui tanto a pimenta? (*Pretende acender o charuto*) Era meia noite. Etelvina pertencia-me ao cabo de três meses de cenas esquisitas; ela tinha proferido, de manhã, com uma voz enérgica o sim encantador que me dava sobre ela direitos senhoriais absolutos. Dançava-se no salão amarelo, e havia uma hora que eu amaldiçoava os relógios (*não podendo acender o charuto atira-o ao fogão e vai buscar outro*) que me pareciam todos parados. Anunciara-se finalmente a última quadrilha, os dançantes começavam a cancanizar-se um pouquinho... (*Espirra*) Donde virá este cheiro a pimenta? Minha mulher dançava com o tabelião, e parecia muito emocionada... Eu atribuía a mim esta emoção que o tabelião não justificava de modo nenhum... Enfim, soa a meia noite. (*Ergue-se*) Ouve-se um grito agudíssimo... Corro e exclamo... (*Atira fora o segundo charuto*) Que é o que tem estes charutos? (*Pega num terceiro*) ... e exclamo: Céus! minha mulher! Etelvina estava desmaiada. Tinha torcido um pé quando polcava com o tabelião; e eis-me aqui, à meia noite, a primeira das minhas núpcias, à procura de um endireita. Afinal, topo um; e pensado que à meia hora depois da meia noite, tinha direito a examinar o estorcegão do pé da minha esposa, entro com a faculdade algebrista até ao seu leito de dor. (*Acende o terceiro charuto*) Baldada esperança! Nega-se-me obstinadamente este primeiro favor, e sou obrigado a esperar num quarto próximo, com o papá Barnabé, a saída do doutor que, depois de um quarto de hora de angústias, veio enfim declarar-nos que uma forte distensão dos ligamentos, uma contração terrível da articulação, reteriam minha mulher quinze dias de cama; e com efeito, depois... Tarrenego, diabo! este charuto está roto! E os outros? (*Examina a caixa*) Estão todos estripados! (*Espirra*) Com toda a certeza, tenho pimenta nas ventas! (*Tira o boné*) Ah! aqui está a pimenteira! É possível!... como é isto? Sebastiana mete a pimenta no meu boné... (*Atira-o fora*) para o preservar do bicho... ser isso, mas ela é idiota!... (*Espirra*) Que é do meu lenço? Está cosido! Cozeram-me o lenço à algibeira, como aos rapazinhos de escola... Ah! isto é um cúmulo! (*Puxa por um cordão de campainha próximo à chaminé*) Não me importa acordar toda a gente!

(Sacode a campainha)

BARNABÉ *(fora)*
Lá vai, lá vai, senhor!

LIBÓRIO
Vamos a esclarecer isto tudo...

BARNABÉ *(fora)*
Que banzé é este?

LIBÓRIO
O sogro... sogro de mão cheia...

(Gesto irônico. Barnabé e Sebastiana entram pelo fundo)

CENA III

Sebastiana, Libório, Barnabé.

BARNABÉ
O senhor está doente?

BARNABÉ
Será preciso chamar os bombeiros?

LIBÓRIO *(a Sebastiana)*
Vem cá... e responde.

BARNABÉ
Quem, eu?

BARNABÉ
Que tem o meu genro?

LIBÓRIO

Passados cinco minutos, tem-me às suas ordens. (*A Sebastiana*) Vem cá... Que horas são?

BARNABÉ

Então foi para saber que horas eram...

LIBÓRIO

Senhor Barnabé, não é consigo que eu falo. (*A Sebastiana*) Quantas horas são?

BARNABÉ

Oito e meia, senhor.

LIBÓRIO

Por que é então que o meu relógio tem quatro e a pêndula dá dez e meia?

BARNABÉ

Eu sei cá! pergunte-o ao relojoeiro.

BARNABÉ

Ela tem razão; o seu ofício não é esse. Ela de pêndulas não percebe nada.

LIBÓRIO

Espera um pouco. (*A Sebastiana*) Por que meteste pimenta no meu boné?

BARNABÉ

Eu?! que meti eu?

BARNABÉ

Sim... isso lá da pimenta é com ela... Responde sobre a pimenta, rapariga!

LIBÓRIO

Por que furaste os meus charutos?

BARNABÉ

Eu furei os seus charutos!...

BARNABÉ

Ela furou os charutos?... Tu furaste... (*A Sebastiana*)

LIBÓRIO

Por que me coseste os lenços às algibeiras?

BARNABÉ

Olha que espiga!

BARNABÉ

Pois tu coses os lenços?...

BARNABÉ

Isso é falso, senhor!...

LIBÓRIO (*mostrando*)

Estão cosidos ou não estão cosidos?

BARNABÉ

Eu cá não fui.

LIBÓRIO

E os cortinados do leito... e os chinelos que deviam estar aos pés da cama...

BARNABÉ

Nos seus pés, quer dizer o meu genro.

LIBÓRIO

Meu sogro, queira amordaçar o seu espírito que me está arreliando.
(*A Sebastiana*) Enfim, responde, explica-te.

BARNABÉ

Não percebo patavina.

BARNABÉ

E dois.

LIBÓRIO

Não percebem que se está aqui representando uma mágica de péssimo gosto... uma diabrura de autores anônimos...

BARNABÉ

Não está má essa! O senhor disfruta-nos!

BARNABÉ

É lá possível a diabrura! cruces, canhoto!

LIBÓRIO

Desde esta manhã estou sendo uma almofada em que mão desconhecida espeta alfinetes... Notem isto... Aqui está uma bota. Pergunto eu: onde está a outra? Aqui está um chinelo; e o outro onde está?

BARNABÉ (*procurando*)

Eu procuro... (*Aproxima-se da mesa e vendo o que está escrito*) Esperem lá!... (*Lendo*) "Seguir o fio."

LIBÓRIO (*aproximando-se*)

Seguir o fio?!

BARNABÉ (*o mesmo*)

Então sigamos o fio. (*Seguem os três o fio da linha. Sebastiana à frente vai enovelando o fio. Barnabé atrás*) Onde vai isto parar? (*Vão indo até chegar à parede*) A linha aqui, trepa! (*Levantam as cabeças*)

BARNABÉ (*vendo a bota*)

Olha!

BARNABÉ

É ela!

LIBÓRIO

A minha bota!

BARNABÉ

A sua bota!

BARNABÉ

É verdade, a bota!

LIBÓRIO (*passando para a direita*)

Quem a pendurou acolá?

BARNABÉ (*tirando a bota para baixo*)

Eu não fui.

BARNABÉ

Menos eu.

LIBÓRIO

Por consequência...

BARNABÉ

O Sr. Libório tem estado a gozar conosco... Isto é uma chalaça... não há que ver...

LIBÓRIO

Hein?

BARNABÉ (*rindo*)

O meu genro ser sempre um pandego...

BARNABÉ

Quis-nos impingir esta comédia.

LIBÓRIO

Irra! Foste tu; olha que te ponho no olho da rua!...

BARNABÉ
Oh senhor!...

BARNABÉ
Como imagina o senhor que esta rapariga...

LIBÓRIO
Se não foi ela... foi o senhor.

BARNABÉ
Meu genro!... ousar desconfiar que um antigo negociante...

LIBÓRIO
Tem razão... seria espírito demais para um antigo negociante... Mas o certo é que nós aqui não somos senão três. A minha mulher não pode ser, porque está de cama com um pé torcido.

BARNABÉ
A respeito disso, parece que ela está melhor do pé... O senhor sabe que ela está melhor do pé...

LIBÓRIO
Como eu que sei?

BARNABÉ
Eu ouvi o meu genro esta noite abrir a porta do quarto dela.

LIBÓRIO
Eu?

BARNABÉ
E que balburdia o senhor fez!...

LIBÓRIO
Eu?

BARNABÉ

Se não receasse ser indiscreto, vinha cá abaixo.

LIBÓRIO

O senhor está doido! Eu não sei daqui!

BARNABÉ

Ora, deixe-se disso...

BARNABÉ (*refletindo*)

Achei o que é... Já sei...

LIBÓRIO (*vivamente*)

Achaste quem é que manga comigo?

BARNABÉ

É o senhor mesmo.

LIBÓRIO

Eu?

BARNABÉ

Ele? diz lá...

BARNABÉ (*a Barnabé*)

Eu tive um primo que fazia o mesmo... levantava-se de noite...

BARNABÉ

Um sonâmbulo! Ela tem razão... O Sr. Libório é sonâmbulo.

BARNABÉ

É isso, é isso, sonâmbulo...

LIBÓRIO

Eu sonâmbulo!... está bem!... fico ciente!...

BARNABÉ

É que o senhor não se lembra do que fez. Uma noite, meu primo, entrou pelo meu quarto dentro, e abraçou-me; e eu como sabia que é um perigo acordar os sonâmbulos, nada lhe disse, e ele ao outro dia não se lembrava de nada.

LIBÓRIO

É lá possível que fosse eu!...

BARNABÉ

Então quem havia de ser?

LIBÓRIO

É assim... é — está tudo bem explicado... mas será difícil fazer-me crer que eu a dormir rompesse os meus charutos, que deitasse pimenta no meu boné e cozesse os meus lenços.

BARNABÉ

Aqui estou eu que fui sonâmbulo quando era pequeno, e escrevia os traslados a dormir...

LIBÓRIO (*à parte*)

Estou inquieto... (*Alto*) Meu sogro, e também tu, Sebastiana, peço-lhes que não digam nada do acontecido a minha mulher.

BARNABÉ

Eu cá por mim...

BARNABÉ

Fique na certeza...

LIBÓRIO (*cismando*)

De mais a mais, eu não sei cozer... Como é possível que eu soubesse cozer a dormir?...

BARNABÉ

Ó meu senhor, o meu primo só sabia abraçar-me quando estava a

dormir... Chama-se a isso vista dobrada.

LIBÓRIO (*à parte*)

Este caso faz-me desconfiar...

CENA IV

Os mesmos e Etelvina.

EETELVINA (*fora*)

Quem me acode, quem me acode!

BARNABÉ

Minha filha!

BARNABÉ

Senhora!...

(Todos se dirigem para a porta da direita que se abre para dar passagem a Etelvina que entra em toilette de noite com a perna direita ligada encostando-se à parede)

EETELVINA

Socorram-me... uma cadeira... amparem-me...

(Libório e Barnabé pegam em Etelvina enquanto Sebastiana puxa a cadeira para o centro da cena)

BARNABÉ

Pois tu ergueste-te?

LIBÓRIO

Então isso como vai? melhorzinha?

EETELVINA

Pelo contrário... cada vez pior.

LIBÓRIO

Era melhor ter tocado a campainha.

EETELVINA (*deixando-se cair no fauteuil*)

Ai! devagar, devagar... Sebastiana, um banquinho...

LIBÓRIO (*chegando-lho*)

Aqui está... venha uma almofada... (*Sebastiana traz a travesseirinha que ele coloca sobre o banquinho; depois quer pegar na perna da mulher*) Com licença...

EETELVINA

Não lhe toque... Ai! a menor pressão... (*pondo a perna sobre o banco*)
Ai!... como eu estou!...

(*Sebastiana tem passado para a direita*)

BARNABÉ

Para que te ergueste tu?

EETELVINA

Eu estava melhor... quis experimentar... E, depois que me levantei, achei-me tão boa, que pensei poder vir até cá; mas receio bem ter agravado o mal...

LIBÓRIO (*à parte*)

Vamos bem!... o casamento está para demora... O meu matrimônio está pendente de um pé desnocado... Se isto não for pé de cantiga, fico toda vida a fazer pé de alferes à minha mulher coxa.

BARNABÉ (*que tem estado a conversar com a filha*)

Fizeste muito mal em te levantares... Eu não posso demorar-me porque tenho de falar com o José Francisco Braga que me quer ceder a quinta da Carriça... E, como não pude arranjar a de S. Mamede de Infesta, vou-me lá.

EETELVINA

Então o pai quer deixar-nos? Muda de casa?

LIBÓRIO

Ó meu sogro!... (*À parte*) Não seria mau...

BARNABÉ

Sogra... precisamente... um sogro entre uns casados que se adoram, é incômodo... é emprazador...

ETELVINA

Ora...

LIBÓRIO

Ora... (*À parte*) Diz muito bem...

BARNABÉ

E, nesse caso, resolvi... com muito pesar... com muita saudade... ir viver ossinho... o que me custar muito... na aldeia... É um sacrifício... vou vitimar-me à felicidade dos meus filhos... E além disso, está no meu gosto... a meditação... divagar solitário no seio da natureza...

ETELVINA

Então não o demoramos, meu pai; mas esperamo-lo para o almoço.

BARNABÉ

Não será possível... Tenciono almoçar no botequim... Não gosto de almoçar de garfo; prefiro o meu café com leite, uma torrada, e o Primeiro de Janeiro que é tudo leve.

ETELVINA

Plena liberdade...

BARNABÉ

Liberdade... liberdade!... E, se tu agora piorasses...

ETELVINA

Não... eu sinto-me melhor... Sebastiana ficará ao pé de mim, e se for

preciso, o Libório vai chamar o médico.

BARNABÉ

E eu não me demorarei muito tempo... Se o José Francisco lá estiver, antes do meio dia volto a casa... Vou tratar depressa este negócio... Então é verdade que estás melhorzinha?

EETELVINA

Sim... neste momento quase que não soffro.

BARNABÉ

Então vou acabar com isto... O meu genro, aqui lha entrego...

LIBÓRIO

Vá descansado, meu sogro.

BARNABÉ (*abraçando Etelvina*)

Até logo, minha Lili... Vou-me já safando, por que, se fosses a pior, teria de ficar, e fazia-me desarranjo. (*Sai pelo fundo*)

LIBÓRIO (*acompanhando-o*)

Arranje lá os seus negócios e não se apresse...

CENA V

Etelvina, Sebastiana e Libório.

EETELVINA (*à parte*)

Vou enfim saber o resultado das minhas primeiras picadelas de alfinete.

LIBÓRIO (*voltando de bom rosto para junto da sua mulher*)

A senhora aqui... na minha alcova... Que surpresa!

EETELVINA

Ora esta! O senhor traz uma bota e um chinelo?!

LIBÓRIO

Foi a Sebastiana que...

BARNABÉ

Eu? E ele a dar-lhe...

LIBÓRIO

Ou eu... É muito possível que fosse eu... Eu tenho padecido tanto depois do nosso casamento... que posso estar doido... (*Ergue-se*)

ETELVINA (*à parte*)

É possível que ele se persuada...

BARNABÉ (*ao pé do leito*)

Ora esta! as cortinas estão rasgadas! quer ver?

LIBÓRIO

É isso, é isso; fui eu... Quando me erguia, puxei pelos cortinados, e zás!... é preciso chamar o estofador.

ETELVINA (*à parte*)

Está persuadido que foi ele...

LIBÓRIO (*à parte*)

Ela acredita que eu sou sonâmbulo!...

BARNABÉ (*arrumando*)

Este quarto está numa felga...

LIBÓRIO (*à parte*)

A mulher é capaz de ficar... Detestável criatura!

ETELVINA (*olhando para a pêndula*)

São onze horas?

LIBÓRIO (*à parte*)

Ai! já onze!

BARNABÉ

Não, minha senhora, só são nove horas... Eu não sei como isto seja!
A pêndula do senhor adianta-se, e o relógio atrasa-se.

LIBÓRIO

Como será isso? entende-se bem... é muito simples... Sou eu que desmancho tudo... Como hei de eu andar direito, se o pé torto da minha mulher não me sai do espírito?!

ETELVINA

Pobre Libório! (*À parte*) Ele será tão estúpido? (*Alto a Sebastiana, mostrando-lhe os suspensórios que estão no chão*) Sebastiana, levanta isso.

BARNABÉ (*erguendo os suspensórios*)

O senhor estragou assim os seus suspensórios?

LIBÓRIO

É verdade, é verdade... Foi de propósito.

ETELVINA

De propósito?

LIBÓRIO

Incomodavam-me. (*À parte*) A criada já me enoja...

ETELVINA (*à parte*)

Como ele é tão filósofo, dobrarei a doze...

LIBÓRIO (*a Sebastiana*)

Sebastiana...

BARNABÉ

Senhor.

LIBÓRIO

Seria bom tratar do almoço.

BARNABÉ

Sim, meu senhor; mas, se a senhora precisar de mim?

LIBÓRIO

Se precisar, chamo-te... faz um almoço ligeiro, refrigerante.

(Sebastiana tem passado para a direita)

EETELVINA

Eu tinha dado as ordens; mas, se as não aprova...

LIBÓRIO

Eu? tudo o que a minha esposa quiser é o que eu quero... Sebastiana, vai preparar o almoço que a senhora ordenou.

BARNABÉ

Sim, meu senhor. *(Sai pelo fundo)*

CENA VI

Etelvina e Libório.

EETELVINA

Ah! tu queres um tête-à-tête... Vamos a isso...

LIBÓRIO *(à parte)*

Sozinhos! estamos sozinhos! *(Com transporte, sentando-se ao lado de Etelvina)* Ah! Etelvina! Minha esposa! querida...

EETELVINA

Que é, meu amigo?

LIBÓRIO

Desculpa a minha perturbação!... esta emoção!... este primeiro tête-à-tête... porque é o primeiro... o primeiro... depois que és minha

mulher, e que me pertences, Etelevina!... porque tu és minha, és o meu bem, o meu tesouro, a minha vida...

ETELVINA

Sim, Libório; somos um do outro, são inseparáveis os nossos destinos... Eu sou sua como o senhor é meu... O senhor pode esquecer isso... eu é que jamais!...

LIBÓRIO

Esquecer, esquecer, eu! Se tu soubesses as noites tormentosas que eu passo!... o que me custa a adormecer... as reflexões que precedem o meu sono... os sonhos que o acompanham... Queres que eu tos conte?

ETELVINA

Pois sim, conte lá.

LIBÓRIO (*erguendo-se*)

Às vezes, vejo-te sair de uma floresta como a Armengarda do Alexandre Herculano das penhas da Covadonga; outras vezes estamos os dois num paraíso terreal como Adão e Eva... e eu a apertar-te ao coração (*aproxima-se*) a apertar-te... (*Cinge-a com os braços*)

ETELVINA (*gritando*)

Ai! ai!

LIBÓRIO (*recuando*)

Tu que tens!

ETELVINA

Ah! que dores!

LIBÓRIO (*à parte*)

Diabólico torcegão!...

ETELVINA

Isto passa... não é nada... foi um jeito que o senhor me fez dar. (*Com a voz natural*) Pode continuar, meu amigo.

LIBÓRIO

Em que estávamos nós?

ETELVINA

Estávamos no paraíso terreal.

LIBÓRIO

É verdade, um ao lado do outro.

ETELVINA

O senhor abraçava-me...

LIBÓRIO

Mas, presentemente, não me atrevo...

ETELVINA

Isso não faz nada ao caso... o abraço era a sonhar...

LIBÓRIO

Etelvina!

ETELVINA

Libório!

LIBÓRIO

O nosso casamento não é um sonho... pois não?

ETELVINA

Decerto não, meu amigo.

LIBÓRIO

E todavia...

ETELVINA

E todavia...

LIBÓRIO

Olha, Etelevina, eu queria que o pé torcido fosse meu; ainda que tivesse torcidos ambos os pés não deixaria de me lançar nos teus braços... Não há suplício comparável... Ah! Tântalo no meio da água, debaixo de árvores carregadas de frutos que ele não podia trincar... Eis a minha posição!... a árvore... és tu! Tântalo, sou eu! Tenho fome, e não posso comer... Horrível!

EETELVINA

Então o senhor padece muito, não é verdade?

LIBÓRIO

Até ao extremo de me tornar cruel e insensível às tuas dores... Quando aí te vejo, face a face, não ouço senão a minha paixão e...
(*Abraça-a*)

EETELVINA

Ai! ai! meu Deus! ai!

LIBÓRIO (*erguendo-se*)

Não, não, não... nada de novo... mesmo nada... (*À parte*) Tudo como dantes... Quartel general de Abrantes...

EETELVINA

Ai que dores! que dores lancinantes!

LIBÓRIO

Se sou o culpado, peço desculpa...

EETELVINA

Ah!... vai passando... adormece... Ah! respiro! (*Tom natural*) Pode continuar, meu amigo.

LIBÓRIO

Continuar... o quê?

EETELVINA

Isso que me estava contando... que era muito bonito...

LIBÓRIO (*à parte*)

Ela parece inocente como uma ovelhinha recém-nascida! (*Alto*)
Minha senhora, se me dá licença, ataremos o fio partido do cavaco quando a senhora estiver sã.

EETELVINA

Mas... por quê?

LIBÓRIO

Porque esta palestra... agita-me... agita-me bastante.

EETELVINA

Ah! sim? então falemos de outra coisa.

LIBÓRIO

Sim... de coisas frias... histórias da Sibéria... Falemos do Marão, da Serra da Estrela.

EETELVINA

Diga-me cá, não o incomoda andar com uma bota e um chinelo?

LIBÓRIO

Incomoda-me horrivelmente... e, se me dá licença, calço a outra.

EETELVINA

Se dou licença? ora essa... Pode calçar.

LIBÓRIO (*calçando a outra bota*)

De mais a mais, este ato não é por nenhuma maneira provocante nem estimulante... até acho que faria bem em me vestir... (*Tira a camisola*)

EETELVINA

Vestir-se?

LIBÓRIO

Somente vestir um colete e uma rabona. (*À parte*) Creio que um marido, sem faltar à decência... (*Enquanto fala, vai abrir o gabinete da toilette, e recebe na cara o outro chinelo que pendia de uma guita*) Cá está o outro chinelo!

EETELVINA

Tinha-o perdido?

LIBÓRIO

Nada, fui eu... Estou no hábito de todas as noites...

EETELVINA

Pendurar um dos chinelos no gabinete de *toilette*...

LIBÓRIO

Sim... isto é... quero dizer... Ordinariamente penduro os chinelos... não, eu ponho-os ambos aos pés da cama; mas aconteceu que pendurei este...

EETELVINA (*à parte*)

É admirável! nada o espanta! Forte idiota!

LIBÓRIO (*à parte, tirando a gravata do gabinete*)

É inevitável que eu seja sonâmbulo... acabou-se... sou sonâmbulo.

EETELVINA

É singular coisa! Tenho momentos em que não me doe nada o pé... perfeitamente boa...

LIBÓRIO

Esses momentos duram pouco (*Procurando atar a gravata*) Não me ajeito!... maldita gravata... estou muito perturbado...

EETELVINA

Quer que o ajude, meu amigo?

LIBÓRIO

Agradeço, mas receio...

EETELVINA

Venha cá... pois eu não sou sua mulher?

LIBÓRIO

Ah!

EETELVINA

O senhor diz ah!

LIBÓRIO

Eu cá me intendo... (*Ajoelha aos pés da mulher estendendo-lhe o pescoço e dando-lhe a gravata*) Tu não me percebes... mas eu é que me compreendo... Mistérios...

EETELVINA (*sorrindo*)

Então tem segredos para mim, Libório?

LIBÓRIO

Ah! Eetelvina! que gentil, que formosa tu és! (*Eetelvina aperta a gravata*)
Ai!

EETELVINA (*ingenuamente*)

Que tem?

LIBÓRIO

É que me afogas!

EETELVINA

É porque o senhor mexe-se.

LIBÓRIO

Eu mexo-me porque tu me asfixias.

EETELVINA (*maviosamente*)

Esteja assim quietinho... para eu lhe fazer um lindo laço. (*Ele quer abraçá-la*)

EETELVINA

Ah! Deus do céu! que dor!

LIBÓRIO (*erguendo-se*)

Não, não... não me lembrou... (*À parte*) Apre! que situação! (*Passa para a esquerda, e vai vestir o colete e a rabona que tira do gabinete*)

EETELVINA

Que dores! que dores!

CENA VII

Os mesmos e Sebastiana.

BARNABÉ (*entrando pelo fundo*)

Está pronto o almoço, senhora. Onde quer a mesa?

EETELVINA

Não tenho apetite...

LIBÓRIO

Nem eu tão pouco, a não ser que... Que há que almoçar?

BARNABÉ

Ostras cruas, pastéis de camarão e salada de lagosta.

LIBÓRIO

Ui! querem-me incendiar!

EETELVINA

Não gosta do almoço?

LIBÓRIO

Há ocasiões, menina, há ocasiões... mas, no estado atual, o que eu precisava era limonadas e orchatas.

EDELVINA

Por que não vai almoçar com o meu pai ao botequim?

LIBÓRIO

Pensa que eu a deixava...

EDELVINA

Não tem dúvida... vá que eu preciso descansar.

LIBÓRIO

Também eu...

EDELVINA

Cá fica a Sebastiana... Vá e demore-se por lá, que eu preciso dormir.

LIBÓRIO *(que passou para a direita)*

Pois bem, seja assim; vá dormir, que eu vou tomar um pouco dar. *(À parte)* Ah! Edelvina, Edelvina, porque polcaste tu com o tabelião! *(Sai pelo fundo)*

BARNABÉ *(que passou para a esquerda)*

Então, pelo que vejo, ninguém almoça...

EDELVINA

Depois, Sebastiana, depois... mas tu não esperes. Almoças quando tiveres vontade.

BARNABÉ

Eu não posso deixar a senhora sozinha...

EDELVINA

Podes... Vou dormir... Vai, e fecha-me esta porta. *(Sebastiana passa para a direita)* Olha, para eu não acordar estremunhada, espreita, e

quando o senhor vier, vem prevenir-me.

BARNABÉ

Sim, minha senhora. (*À parte*) Ela quer aqui dormir sozinha... por que será? (*Sai pelo fundo*)

CENA VIII

ETELVINA (*só; está um instante quieta, mas, logo que a porta se fecha, desata precipitadamente as tiras que lhe ligam a perna, e entra a caminhar rapidamente*)

Ah! sim? tu comerás o almoço incendiário... hás de comê-lo por força! quando só encontrares no teu *porte-monnaie* um tostão para pagar o leite e as limonadas, é natural que voltes ao teu posto... Essa felicidade espero eu tê-la. Seja como for, vou tratando de armar as engenhocas para a noite que vem. Comecemos pelas campainhas de que ele abusa... Onde acharei eu com que as corte? (*Vai ao gabinete da toilette e encontra lá uma faca de mato*) Uma faca de mato! Ah! tu tens facas nos teus guarda-roupas?... tens!... está bom... esta servir-me... Vamos primeiro cortar... Cortar, não! (*Atira com a faca para dentro do gabinete que fecha*) O que se deve quebrar é o arame... Ah!... com a cadeira sobre o leito, chego acima... (*Pega da cadeira, que põe sobre a cama, e sobe acima cantarolando. Ergue-se, de costas para a parede, e pega no arame com as mãos ambas*) Oh! com os diachos! parece-me muito rijo!... Ah! é puxar... (*Ouve-se tilintar a campainha*) Ai que eu toquei! Se a Sebastiana me vê aqui...

CENA IX

Etelvina e Sebastiana.

BARNABÉ

A senhora chamou?

ETELVINA

Ai!

BARNABÉ

Onde é que está? (*Vendo-a*)

Ah!...

EETELVINA

Sio! cala-te!

BARNABÉ

Foi a senhora que...

EETELVINA

Cala-te, que te hei de dar uma prenda.

BARNABÉ

Então que quer que eu faça, senhora?

EETELVINA

Espera aí. (*Puxando pelo fio*) Záz! Záz! Está quebrado! (*Quebra o fio, e o mesmo tilintar da campainha continua*)

CENA X

As mesmas e Libório.

LIBÓRIO (*entrando pelo fundo quando soa a campainha*)

Ela a chamar, a minha querida a chamar...

BARNABÉ

Ui!... O meu Deus!...

EETELVINA

Oh! com a breca! Estou aviada!

LIBÓRIO (*não encontrando a cadeira em que Etelvina ficou sentada e passa à esquerda*)

Como é isto? Ela não está aqui? (*Vendo-a*) Olé!

ETELVINA (*sempre sobre a cadeira; e com a maior naturalidade*)
Então já por cá?

LIBÓRIO
Que fazes tu aí?

ETELVINA
Como estava melhor do pé, quis experimentar um passeio.

LIBÓRIO
Passear lá por cima?... Ah! tudo se explica! O sonâmbulo não era eu... eram vocês as duas que...

BARNABÉ
Ó senhor! os diabos me leve se...

LIBÓRIO
Retira-te.

BARNABÉ
Mas senhor... Raios me parta, se...

LIBÓRIO (*avançando para ela*)
Rua! rua!

BARNABÉ
Rua?... mas...

LIBÓRIO
Safa-te, ou eu...

(*Sebastiana dá um grito e foge pelo fundo. Libório dá um pontapé no banquinho*)

CENA XI

Libório e Etelevina. (Durante estas últimas falas, Etelevina desce serenamente da cadeira, depois desce do leito, e aí fica fria e impassível).

LIBÓRIO (*fechando a porta do fundo, e aproximando-se de Etelevina*)
Agora nós dois, senhora! (*Silêncio de Etelevina*) Quando eu entrava no botequim, a inquietação fez-me regressar... Vejo que fiz bem... (*Silêncio*) Que geringonça é esta? queira responder.

EETELVINA

Geringonça, dizes tu? perguntas-me que geringonça é esta?

LIBÓRIO

Sim!... pergunto e quero saber.

EETELVINA (*formalizada*)

Libório, tu esmagaste o coração de uma mulher, o seu primeiro amor...

LIBÓRIO

Eu? que esmaguei eu?

EETELVINA

Despedaçaste a minha vida, cobriste o meu céu com um crepe negro!... Assassinaste Macário!

LIBÓRIO

Lerias!

EETELVINA

Atrás, assassino! atrás, que me horrorizas!

LIBÓRIO

Como? então é por amor disso quê?... Ora adeus! isso é peta... eu não matei Macário nenhum.

EETELVINA

Pois tu não assassinaste Macário?

LIBÓRIO

Não tinha eu mais que fazer!... E a prova é que Macário está vivo e são.

EETELVINA

Macário vive?

LIBÓRIO (*reconsiderando*)

Eu cá de mim não o matei... (*à parte*) que ia eu a dizer? Ela ama-o! e, se sabe que ele vive, temos novo chinfrim...

EETELVINA

Ah! tu negas? não tens a coragem do teu crime?

LIBÓRIO

Etelvina, palavra de honra!... Quem te disse?...

EETELVINA

Nada de questões... Você está condenado!

LIBÓRIO

Condenado!

EETELVINA

Eu fiz um juramento, Libório! e na minha pátria não se quebram juramentos!

LIBÓRIO

Isso nós veremos depois... A senhora jurou de encher de pimenta os meus carapuços? coser os meus lenços?...

EETELVINA

Isso era um prelúdio... a farsa antes da tragédia...

LIBÓRIO

Tragédia?!

ETELVINA

Para vingar Macário, cumpria que a sua vida me pertencesse, e por isso casei consigo!

LIBÓRIO

Então foi só para isso que...

ETELVINA

Unicamente para me vingar, e nunca pelos seus atrativos, percebe?

LIBÓRIO

Mas a senhora, casando comigo, também me deu a sua vida e...

ETELVINA

A minha estava despedaçada... O sacrifício que eu lhe fazia era de uns pedaços da minha existência.

LIBÓRIO

Mas a senhora sabe que eu sou uma espécie de balão que não obedece ao movimento de vontades alheias?

ETELVINA

Os balões obedecem ao capricho do vento, e os homens ao capricho das mulheres.

LIBÓRIO

Sim? estou com curiosidade de ver isso...

ETELVINA

Eis o meu programa: *(Com energia)* Quero que cada um dos teus dias seja uma catástrofe! cada uma das tuas horas uma tortura! cada um dos teus minutos um grito de dor!...

LIBÓRIO *(com ironia)*

Diga lá o resto.

EETELVINA

Hei de fazer-te tragar todas as amarguras! cravejar-te com todos os punhais!... passarás a vida sobre umas grelhas como São Lourenço, e eu de vez em quando a voltar-te nas grelhas... e tu a arder, a rechinar... oh!...

LIBÓRIO

Que enorme telha!

EETELVINA

É o teu futuro!

LIBÓRIO

Mas é que eu fujo-te... pudera!...

EETELVINA

E eu vou atrás de ti. Sou tua mulher; a lei obriga-te a receber-me.

LIBÓRIO

Excelente separação de corpos a que já estou habituado!... Divorcio-me.

EETELVINA

E as provas? Pensas no divórcio? Pensas que eu não previ já esse caso muito natural de me queres escapar? Eu já li o teu código civil. Ninguém se separa sem provas e testemunhas; e tu nunca arranjar testemunhas nem provas. Mulher mais terna do que eu, em público, não haver segunda, hei de acariciar-te, ameigar-te, se for preciso, que isso me não custa nada...

LIBÓRIO (*à parte*)

Irra! estou a sentir uns calafrios na espinha...

EETELVINA

Em público, serás o meu amante, o meu herói, o meu Deus! Serás um mortal ditoso e invejado!... possuirás uma gentilíssima esposa, dedicadíssima... e, se, um dia, ousares queixar-te de mim, se

promoveres o divórcio, passarás por um monstro extraordinário, por um ignóbil... malandro!

LIBÓRIO (*à parte*)

Isto é o José do Telhado disfarçado em mulher!

ETELVINA (*indo para Libório que passa à esquerda*)

Mas o anjo das salas será o demônio dos lares! quero que a tua vida se teça de espinhos dilacerantes. Não entrarás na tua casa sem cair numa esparrela! Não poderás sair sem te palpitar uma desgraça imprevista. E este amor... este amor que me pedias, hei de dá-lo a outro!

LIBÓRIO

Oh! *Shocking!*

ETELVINA

Sim! hei de cuspir na tua honra!

LIBÓRIO (*furioso*)

Senhora!

ETELVINA

Eis o teu futuro, Libório! eis o teu futuro! (*Sai pela direita*)

CENA XII

LIBÓRIO (*só, atordado*)

Safa! caramba! É *bècarre!* Estou a abafar! ardem-me os miolos! Andame tudo à roda! Parece-me que estou numa jaula tête-à-tête com uma pantera solta... Falta-me a coragem para a luta! (*Cai prostrado perto do gueridon*) Que a pantera me devore! Resistir-lhe é-me impossível!... (*Fecha os olhos e fica imóvel...*)

CENA XIII

Libório e Barnabé.

BARNABÉ (*entrando alegremente pelo fundo*)
O meu negócio vai bem... otimamente.

LIBÓRIO
É ele!... (*Levanta-se e sobe um pouco*)

BARNABÉ
Ah! meu amigo Libório, obterei a casa. O Braga ainda hesita quanto ao preço, mas eu conheço-lhe o gênio... ele é condescendente... e enfim, viverei em paz e sossego.

LIBÓRIO (*dirigindo-se-lhe*)
Em paz?... Sorri-lhe essa esperança? Pois não viveste...

BARNABÉ
Sim... sorri-me esta esperança.

LIBÓRIO
O senhor é cúmplice, não é?

BARNABÉ
Cúmplice de quem?

LIBÓRIO
Da besta-fera de quem se intitula pai?

BARNABÉ
Senhor Libório! Modere-se!

LIBÓRIO
É cúmplice dela... Concorde... Apraz-me a sua confissão... Ao menos que a minha cólera encontre um homem em frente dela...

BARNABÉ
Eu não o percebo! Será isto um ataque de sonambulismo?!

LIBÓRIO

Sonâmbulo! Ainda está nisso, o senhor! Não sabe que a farsa se desenvolveu depois... o véu veio à terra... descobri o inimigo do meu descanso, o ente malfazejo que se metia, de noite, no meu quarto, para me transtornar tudo...

BARNABÉ

Então... quem é?

LIBÓRIO

A sua hedionda filha... a sua filha que o senhor teve artes de me impingir!...

BARNABÉ

Etelvina? o senhor está a gozar...

LIBÓRIO

Sim... finja-se espantado!...

BARNABÉ

Com um pé desnocado? a minha filha?

LIBÓRIO (*rindo amargamente*)

Pé desnocado! (*Rindo*) Ah! ah! ah! ah! Não vê que ela me bigodeou?

BARNABÉ

Mas para quê?

LIBÓRIO

Para quê? para vingar Macário que ela me acusa de eu ter assassinado!

BARNABÉ

Isso é incrível!

LIBÓRIO

E quer saber o futuro que ela me destina? A sorte de Menelau de Sganarelo, de Vulcano e doutras testas célebres.

BARNABÉ

E ela disse-lho? Mas, quando isso se dá, as mulheres nunca previnem os maridos...

LIBÓRIO

É uma exceção...

BARNABÉ

Tudo isso é tão anormal... tão extravagante... (*Como assaltado por uma ideia*) Ah!

LIBÓRIO

Que é?

BARNABÉ

Lá vou... Foi a palavra extravagância que me orientou... Estou no caminho...

LIBÓRIO

Caminho de quê?

BARNABÉ

O Sr. Libório sondou o pulso da sua mulher?

LIBÓRIO

Ora essa!... sondar-lhe o pulso!... Não.

BARNABÉ

Fez mal. Esta excentricidade no seu proceder, este humor extravagante... explica-se tudo...

LIBÓRIO

O quê? o que é que se explica?

BARNABÉ

É a crise ordinária... Amigo Libório, não sucumba ao peso da sua felicidade... Libório, vou dar-lhe um júbilo imenso... Olhe que vai ser progenitor! Vai ser pai!

LIBÓRIO (*exasperado*)

Pai!

BARNABÉ

Sim! esses apetites desvairados... essa desordem moral...

LIBÓRIO (*agarrando-o pelo colete*)

Ah! patife!

BARNABÉ

Hein? você chame-me patife? a mim?

LIBÓRIO

É a minha desonra que você apregoa!

BARNABÉ (*desagarrando-se sem poder*)

Que diz?

LIBÓRIO

Você sabia-o e não me gritou: acautele-se!

BARNABÉ

Você esgana-me!...

LIBÓRIO

Mas agora estou convencido... (*Sacode-o cada vez mais*)

BARNABÉ

Largue-me! socorro! ó da guarda!

CENA XIV

Os mesmos e Etelevina.

(Etelevina entrando agitada pela direita; está em toilette de quem vai a passeio)

Que é isto? que aconteceu?

(Libório larga Barnabé, que cai assentado ao pé da jardineira. Libório fica um momento imóvel entre o sogro e a mulher, olhando-os alternadamente; depois despede um suspiro abafado, e sai precipitadamente pelo fundo, fazendo um gesto de horror)

CENA XV

Barnabé e Etelevina.

BARNABÉ *(assentado)*

Uf! *(Bufando)*

ETELEVINA

O pai que tem! parece que está sobressaltado!

BARNABÉ

Sim... com certeza... eu não me sinto bastante bem. *(Respira fortemente)*

ETELEVINA

Mas que aconteceu?

BARNABÉ *(erguendo-se)*

Aconteceu... mas não, as explicações são inúteis... Vou deixar esta caverna...

ETELEVINA

Mas enfim... que lhe disse o meu marido? onde foi ele?

BARNABÉ

Não sei nem me importa... Cá te avêm sem mim... Lavem cá a sua roupa suja como puderem, que eu tenciono ser estranho a esta barrela. Boas tardes. (*Vai para sair*)

EDELVINA

Mas... O meu pai! venha cá...

BARNABÉ

Convence-te de que me vou embora. (*Sobe*)

EDELVINA (*tolhendo-lhe o passo*)

Ao menos diga-me...

BARNABÉ

Não digo... deixa-me!

EDELVINA

Não sair!

BARNABÉ

Impedir-me! (*Indo para ela*)

Minha filha!

EDELVINA

Não sai antes de me dizer...

BARNABÉ

Tudo o que eu tenho no coração? Vais ser satisfeita! Tu, ao meu pesar, envolves-me nas tuas combinações ferozes! Pois bem... Também eu vou torturar-te... e desde já fica sabendo uma pequena coisa que te vai dar grande prazer! Macário existe! Macário vive!

EDELVINA

Macário!

BARNABÉ

Nunca se bateu... não era tão besta, como isso... É um maltrapilho, mas é velhaco... Ele logo conjecturou a linda mulherzinha que tu serias... e disse lá com os seus botões: “Não quero contas com a mexicana” e pediu a este bajogo do Libório que viesse anunciar-te a sua morte, e este parvoeirão foi tão asno... que...

EETELVINA

O pai está blasfemando...

BARNABÉ

Que é blasfemar?

EETELVINA

Macário vivo!... Macário autor de tal perfídia!... não, não, é impossível!

BARNABÉ

Com que então impossível! E, se eu te disser, que ele, bem contente por não entrar neste langará, se consola num a mancebia...

EETELVINA

Mancebia?

BARNABÉ

Sim... com uma criaturinha, de pouco mais ou menos, rua de Miragaia nº 1071, lado direito.

EETELVINA

Rua de Miragaia nº 1071, lado direito... (*Passa para a esquerda*)

BARNABÉ

Mudou de freguesia; mas não de costumes... O fedor dos escândalos de Miragaia não passa da Cordoaria, e confunde-se com as flores do jardim e do peixe do barracão...

EETELVINA

Oh! isso seria horrível! horrível!

(Libório entra pelo fundo)

CENA XVI

Os mesmos e Libório.

LIBÓRIO *(com o porte-monnaie na mão)*

Minha senhora, eu tinha aqui 12\$000 réis. Foi a senhora que lhe deitou o gatázio?

ETELVINA

Logo o saberá quando eu voltar. *(Sai)*

LIBÓRIO

Onde vai você?

ETELVINA

Rua de Miragaia nº 1071. *(Sai precipitadamente pelo fundo)*

LIBÓRIO

Que é? Rua de Miragaia nº 1071! Quem lho diria? *(A Barnabé)* Foi o senhor... Rua de Miragaia, é lá efetivamente *(Ouve-se fechar à chave a porta do fundo)* Ela fecha-nos! e vai a casa dele! a casa dele! *(Indo à porta da direita)* Por esta porta... *(Ouve-se o rodar da chave que a fecha)* Fechada! fechada também! *(Correndo à chaminé)* Sebastiana! *(Puxa pelo cordão da campainha)* Não há campainha! está quebrada a campainha!

BARNABÉ

E o Braga que me está esperando para assignar a escritura!

LIBÓRIO

Eis-me encarcerado!

BARNABÉ

E eu!

LIBÓRIO (*fora de si, ameaçando Barnabé*)
Ah! seu biltre! foi você a causa de tudo isto!

(*Atira-se a Barnabé, que procura fugir-lhe, aos encontrões aos trastes. Libório persegue-o vivamente. Cai o pano, quando Barnabé está apitando*)

ATO III

A mesma decoração. — Grande desarranjo. — Os móveis tombados, um colchão está meio caído para fora do leito.

CENA I

Libório e Barnabé.

(*Ao levantar do pano, Barnabé está sentado no colchão, e Libório, à direita sobre uma cadeira de braços, caída. Depois de instantes de silêncio, Libório levanta-se e vai à janela*)

LIBÓRIO (*examinando a rua*)
Nada, não vejo vir ninguém. Que horas são, Sr. Barnabé?

BARNABÉ
Outra vez... Depois do nosso combate... singular, já me perguntou isso três vezes.

LIBÓRIO
A quem hei de eu perguntá-lo? ao meu relógio? à minha pêndula? Tudo aqui está desmanchado (*à parte*) como a cabeça da minha mulher. (*Levanta a cadeira*)

BARNABÉ
Há cinco minutos que eu lhe disse que eram 3 e 25; agora, por consequência, são três e meia.

LIBÓRIO (*passeando com grandes passos*)

Ela saiu às duas horas... (*Dirige-se a Barnabé*) Como explica o senhor isto? Ausente à hora e meia! (*Arruma os trastes*)

BARNABÉ

Não que daqui de Malmerendas a Miragaia são dois quilômetros. Dê-lhe tempo...

LIBÓRIO

Que lho dê? Ela toma o que quer! Fechar o pai e o marido para ir...

BARNABÉ

Minha filha é incapaz de tal...

LIBÓRIO

É capaz de tudo: é mexicana, e basta.

BARNABÉ

Não o contrário, para você não pegar de novo comigo. (*Levanta-se e põe o colchão sobre o leito*)

LIBÓRIO

Ah! o senhor tem magníficas ideias! Que eu era pai! Esta só pelo diabo! eu podia lá ser pai, homem!

BARNABÉ

E eu podia lá imaginar que o senhor depois de casado?... Enfim, o que eu lhe disse era para o aplacar...

LIBÓRIO

E para aplacar minha mulher disse-lhe que o Macário era vivo. Foi isso?

BARNABÉ

Está claro; as minhas intenções foram sempre boas... eu não tive culpa, se o senhor é um marido... distinto.

LIBÓRIO

Que horas são?

BARNABÉ (*tirando o relógio pacientemente*)

Três e trinta e dois minutos. Outra vez. O melhor é ficar com o relógio na mão, (*fica assobiando*) até o senhor acertar o seu.

LIBÓRIO

O senhor assobia?

BARNABÉ

Então o senhor quer que eu chore? Deixe-me assobiar, homem! Há paixões de alma que não desafogam se não pelo assobio... situações cruéis em que um homem sente a necessidade de estar sempre não só a assobiar, mas até a apitar.

LIBÓRIO

Tem razão. Quando se possui uma filha como a sua, e uma esposa como a minha, todas as manifestações do assobio e do apito são permitidas. (*Barnabé continua a assobiar*) Tem razão. Assobie à sua vontade... use de todos os instrumentos de sopro... Desabafe, Sr. Barnabé, que eu faço o mesmo. (*Assobia também. Ouve-se ruído de passos*) Sio... escute...

BARNABÉ

Será?... (*Rumor na fechadura*)

LIBÓRIO

É ela!

BARNABÉ

Prudência, Sr. Libório, prudência...

LIBÓRIO (*sentando-se numa cadeira à esquerda, e pegando de um jornal de sobre o fogão*)

É ela... (*Atira os pés para cima de uma cadeira*)

BARNABÉ (*à parte*)

Eles vão-se agatilhar!... se eu pudesse tingar-me...

CENA II

Os mesmos e Etelvina.

(Abre-se a porta do fundo precipitadamente. Etelvina entra muito agitada, fita o pai e o marido, tira o xaile e o chapéu que atira sobre a cama; depois, desce, volta a olhar o marido e o pai, e diz a Barnabé)

ETELVINA

Meu pai! deixe-nos sós.

(Barnabé, sem responder, safa-se apressadamente pelo fundo)

CENA III

Libório e Etelvina.

(Etelvina está momentos sem falar, olhando para o marido que a não encara; depois faz um gesto de impaciência e diz)

ETELVINA

Vi Macário. Não estava só... Estava com uma criatura com um penteado de estardalhaço, muito estapafúrdio. Iam sentar-se à mesa... e eu puxei pela toalha e quebrei tudo... *(Movimento de Libório, que logo se reprime, e retoma a sua aparente tranquilidade)* Levantaram-se ambos e avançavam para mim; eu fiquei de braços cruzados, serena, imóvel, encarando-os assim! Depois afastei-me lentamente, sem dar palavra, e sai! *(Silêncio. Etelvina dá uns grandes passos)* Ah! o que são os homens! o que são os homens! *(Torna para o marido)* Por que é que o senhor me anunciou a morte dele? *(Silêncio)* Eu sei-o, disse-mo meu pai... foi ele, esse miserável que assim o quis, não foi? O infame Macário escarneceu o meu amor, ludibriou a minha angústia! Ah! é incompreensível! é execrável! *(Pega da cadeira em que o marido tem os pés e senta-se ao lado dele)* Como é que nós havemos de

matar Macário?

LIBÓRIO (*agitado, erguendo-se*)
Que diz?

EETELVINA (*fazendo-o sentar-se*)
Ambos nós andamos mal, Libório. Eu pensei que tu o mataras... Não se fale mais no passado... acabou-se... Agora, unamo-nos para a vingança... Como é que se assassinar Macário?

LIBÓRIO (*erguendo-se*)
A senhora terá o diabo no corpo?

EETELVINA
Se estivéssemos na minha pátria, eu não o consultava; mas aqui, os homens que fizeram as leis, reservam para si o monopólio da vingança, e a honra de uma mulher nada importa, se não implica com a honra do homem. Pois então, Sr. Libório, visto que me esposou, a minha honra é a sua. Um pulha, um sacripanta escarneceu sua mulher... cumpre-lhe evitar que ele o escarneça também a si... (*Com ternura*) Mata-o! filho! mata-o!

LIBÓRIO (*à parte*)
Arreda! estou em brasa!

EETELVINA (*formalizada*)
Dar-se-á caso que o senhor, escravo de vãos prejuízos, não queira atentar contra a vida dele sem expor a sua? Se é isso, esteja descansado. Se Macário o matar, eu não lhe sobreviverei, nem ele, porque morrerá às minhas mãos; matá-lo-ei, matá-lo-ei, e depois lá nos veremos... no céu! (*Apontando-lhe para o céu, bate-lhe com a outra mão no ombro*)

LIBÓRIO
A senhora com toda a certeza está doida!

EETELVINA

Doida?

LIBÓRIO

Então a senhora quer que eu vindime o Macário porque ele não quis casar consigo... Tomara eu obrigá-lo a casar...

ETELVINA

Senhor! veja lá o que diz!

LIBÓRIO

Olhe, menina; isso que a senhora me propõe já Hermíone o propôs a Orestes num a tragédia de Racine, e sabe o que fez a canalha da Hermíone, depois que o parvo do Orestes matou Pirro? Pôs-se a chorar por Pirro, e mandou o Orestes à fava. Aqui tem a gratidão das mulheres...

ETELVINA

Por tanto, recusa?

LIBÓRIO

Redondissimamente. (*À parte*) Isto é que é o *chic* da patifaria!

ETELVINA

Bem! Eu pedia-lhe a cabeça de Macário para salvar a sua... Você não quer? não quer? não se fala mais nisso.

LIBÓRIO

Isso que quer dizer... explique-se!

ETELVINA

Macário recuou diante dos laços indissolúveis; mas amava-me, estou certa disso, e eu... ainda o amo.

LIBÓRIO (*levantando os dois braços*)

Que diabo!

ETELVINA

E visto que o senhor desculpa o proceder passado de Macário, terá de desculpar também o futuro...

LIBÓRIO (*agarrando-a pelos braços*)
Mulher!... Ah! tu pensavas que...

EETELVINA
Largue-me!

LIBÓRIO
Amas Macário?

EETELVINA
Você magoa-me!

LIBÓRIO
Os indígenas do México que é o que fazem às mulheres que se parecem contigo?

EETELVINA
O senhor está-me a quebrar os braços...

LIBÓRIO
Pode ser; porque em Portugal, nós os homens, ao lado da lei, também temos a força.

EETELVINA
Isso é uma covardia!

LIBÓRIO
Não sei se é; mas eu, se houvesse de matar alguém, não mataria o Macário...

EETELVINA
Ai! (Cai de joelhos)

LIBÓRIO

Olhe bem para mim, senhora! (*Ela quer morder-lhe a mão*) e não morda! Se pensou que casava com um cordeirinho, mude de opinião ao meu respeito. Este homem que se chama Libório, nascido no Porto, no Poço das Patas nº 610, é de per si só mais feroz que todos os leopardos do México... Não morda, ouviu?

EETELVINA

Ai!

LIBÓRIO

Por enquanto, deixo-a viver; mas tenha juízo, muito juízo, ou dou-lhe a minha palavra de honra que não tardarei a passar a segundas núpcias! (*Deixa-a*)

EETELVINA (*conserva-se um instante imóvel, como humilhada da sua fraqueza; relança à volta de si olhos furiosos, depois levanta-se de um pulo, exclamando*)

Ah! a faca de mato! (*Corre para o gabinete da toilette*)

LIBÓRIO

Bem sei... (*Vai atrás dela, e fecha-lhe a porta por fora logo que ela entra*)

EETELVINA (*fechada*)

Abra, abra a porta!

LIBÓRIO (*pegando do chapéu*)

Medite, senhora, que eu passados três dias, volto cá. (*Sai pelo fundo*)

EETELVINA (*batendo na porta*)

É infame, é abominável! Sr. Libório! Olhe que quebro a porta. (*Pancadas cada vez mais fortes*) Abra-me a porta; peço-lhe que me abra a porta por quem é! Oh! que vil, que indigno procedimento!

CENA IV

Etelvina (fechada) e Barnabé.

BARNABÉ (*entrando pelo fundo*)

Ora aqui está! Enquanto eu estive aqui fechado, o Braga vendeu a casa da Carriça... Tenho de procurar outra... (*Etelvina bate à porta do gabinete. Barnabé que está perto, recua assustado*) Que diabo é isto?

ETELVINA

Abra-me a porta!

BARNABÉ

A minha filha fechada! (*Alto*)
Tu que fazes aí?

ETELVINA

Abra, meu pai, abra!

BARNABÉ

Mas como foi isto? (*Vai para abrir*)

ETELVINA

Foi meu marido... Abra que eu lhe contarei.

BARNABÉ (*retirando-se*)

Teu marido!... diabo! diabo! isso é mais sério...

ETELVINA

Então, abre?

BARNABÉ

Minha filha, um sogro não deve intervir entre marido e mulher.

ETELVINA

Então não abre?

BARNABÉ

Procedo como fino político... Mantenho-me na neutralidade, na não intervenção.

EDELVINA

Mas eu sufoco!...

(Grande tropel dentro)

BARNABÉ

Não sufocas, não... Isso passa!... *(À parte)* Ela arromba o sobrado!...
(Sai)

EDELVINA *(batendo sempre)*

Meu pai! meu pai! Foi-se?... Socorram-me! Acudam-me!

CENA V

Sebastiana e Edelvina.

(Sebastiana entra pela direita, trazendo pratos, talheres, pães e guardanapos)

BARNABÉ

A voz da senhora no gabinete de vestir... *(Pousa o que traz sobre o mármore do fogão)* É a senhora?

EDELVINA

Abre, Sebastiana, abre a porta.

BARNABÉ

Aí vou, aí vou. *(Abrindo)*
Que foi isto?

EDELVINA

Pega! *(Dá uma bofetada em Sebastiana)*

BARNABÉ

Ah! a senhora bate-me?

EDELVINA *(percorrendo o teatro furiosa)*

Ó raiva! ó furor!

BARNABÉ

Se eu soubesse que estava fechada...

EETELVINA

Perdoa-me, perdoa-me, Sebastiana... É a cólera, são os nervos... (*Dá-lhe dinheiro*) Pega lá, guarda...

BARNABÉ

Obrigado, minha senhora! (*à parte*)

Ela é muito boazinha! (*Põe a mesa na jardineira*)

EETELVINA (*caindo numa cadeira à direita*)

Tudo que me sucede é incrível! é estúpido! Este homem que eu julgava um choninhas, um maricas, um fracalhão, agarrou-me, e prostrou-me suplicante! Ele furioso, parecia-me até bonito! (*Voltando-se para Sebastiana que põe a mesa*) Que estás a fazer?

BARNABÉ

Ponho a mesa, senhora.

EETELVINA

Aqui?!

BARNABÉ

A senhora esqueceu-se das ordens que me deu esta manhã?

EETELVINA

Ah! sim, sim, esta manhã... então ainda eu me preocupava com pieguices... Mas agora... (*Ouve-se a campainha*) Tocaram.

BARNABÉ

Vou ver. (*Sai pelo fundo*)

EETELVINA (*só*)

Não pode ser meu pai nem meu marido... eles não tocavam. Se fosse

ele... ah! talvez seja... Macário! Quem sabe se a minha presença, despertando-lhe lembranças, acordou a sua paixão... Ah! se fosse ele, se fosse ele...

BARNABÉ (*entrando pelo fundo. Traz uma garrafa, copos e um papel*)
Senhora, é um homem, enviado pelo Sr. Macário, com este papel.

ETELVINA (*pegando no papel com ansiedade*)
Dele? dá cá, dá cá. (*Passa para a direita, enquanto Sebastiana põe a garrafa e os copos sobre o gueridon. À parte*) Ah! não me enganei! Ele ama-me!... Triunfo, enfim!

BARNABÉ (*à parte*)
Ela que terá?

ETELVINA (*lendo*)
"Ano do Nascimento de... 1885, aos 24 dias de... a requerimento..."
Hein? papel selado! (*Lendo*) "A requerimento do Sr. Macário dos Anjos, eu, oficial de justiça abaixo assignado, citei a Sra. D. Etelvina Barnabé para pagar a quantia de 64\$460 réis de porcelanas e cristais quebrados, etc. etc. etc." Ah!... (*Cai num a cadeira à direita e fica silenciosa*)

BARNABÉ (*que tem continuado a pôr a mesa, corre para ela*)
Ai! meu Deus! a senhora achou-se mal?

CENA VI

Os mesmos e Barnabé.

BARNABÉ (*entrando cautamente pelo fundo e vendo Sebastiana que encobre a senhora*)
Sebastiana! A senhora ainda está no gabinete?

ETELVINA (*indo para o pai*)
Meu pai!

BARNABÉ (*querendo safar-se*)
Olha!...

EVELVINA
Venha cá!...

BARNABÉ
Eu volto logo.

EVELVINA
Fique, meu pai. Vai-te embora, Sebastiana.

BARNABÉ
Sim, minha senhora. (*Sai pelo fundo*)

BARNABÉ
Vou-te contar... Descobri outra quinta no Candal.

EVELVINA
Meu pai, eu volto para o México.

BARNABÉ
Com teu homem?

EVELVINA
Já não tenho homem.

BARNABÉ
Não tens homem? Então Libório o que é? Parece que tens razão... Ele para homem parece-me muito atrasado... Tu lá sabes...

EVELVINA
Fujo de Portugal, das suas leis, do seu código, dos seus costumes (*ironicamente*) e da sua justiça...

BARNABÉ
Mas, desgraçada, tu vais encontrar a mesma coisa no México.

EDELVINA

No México?

BARNABÉ

Portugal não tarda a lá chegar com a sua influência, com os seus jornais...

EDELVINA

Irei para a China.

BARNABÉ

Não sabes que Portugal está em Macau! Basta lá estar o Camões na gruta.

EDELVINA

Vou para o Japão.

BARNABÉ

Estão lá missionários portugueses... os jesuítas que têm um olho muito fino...

EDELVINA

Irei para uma ilha deserta. (*Passa para a esquerda*)

BARNABÉ

Ah! sim! se achares uma... Ilhas desertas são hoje raríssimas... Não se apanha meia...

EDELVINA

O pai vai comigo?

BARNABÉ

Eu!

EDELVINA

É indispensável...

BARNABÉ

Nunca! Pede-me o que quiseres; mas viver só contigo, isso, nunca!

EDELVINA

Não importa. Vou sozinha. (*Repassa para a direita*)

BARNABÉ

Filha!... juizinho, filha.

EDELVINA

Eu já não tenho pai... nem marido... nem família. Parto! adeus! (*Sai pela porta da direita*)

BARNABÉ (*vendo-a sair, depois diz tranquilamente*)

Falaram-me de uma casinha no Candal, e, se não for úmida, tem muitas comodidades. Fiquei de me encontrar com o agente às cinco horas, e...

CENA VII

Barnabé e Libório.

LIBÓRIO (*entrando pelo fundo, sem ver Barnabé, e olhando para a porta do gabinete que está aberta*)

Ah! já a soltaram! Sim... definitivamente é a melhor resolução... (*Vendo Barnabé*) Olá! o senhor!

BARNABÉ

Eu ia sair.

LIBÓRIO

Eu também parto.

BARNABÉ

E para onde vai?

LIBÓRIO

Isso é que eu não sei; sei que vou para muito longe. (*Passa à esquerda*)

BARNABÉ

Muito longe?

LIBÓRIO

Se vir sua filha, diga-lhe que morri.

BARNABÉ (*tranquilamente*)

Está bem; direi.

LIBÓRIO

Diga-lhe que me matou Macário — dê-lhe esse regalo.

BARNABÉ

Está dito. Vá descansado.

LIBÓRIO

Vou arranjar a mala. (*Entra no gabinete*)

BARNABÉ (*vê-o sair e ata o seu monólogo*)

É no Candal, subúrbios de Vila Nova de Gaia; visitarei os armazéns. Gaia dizem que tem um castelo feito por um rei Mouro, e uma fonte célebre com uma água muito fina, que seria a melhor bebida do mundo, se não estivessem ali perto as garrafeiras de 1815. Logo ali ao pé está o convento da serra, um lugar histórico... É um belo arranjo... com repuxo.

(*Desaparece pelo fundo. — A cena fica vazia*)

CENA VIII

Libório e Etelevina.

ETELVINA (*entrando pela direita com uma maleta*)

Creio que deixei aqui o meu xaile e o meu chapéu (*Põe a maleta sobre*

a mesa)

LIBÓRIO (*saindo do gabinete com a mala*)

Onde diabo deixei eu a minha Guia de viajantes?

ETELVINA (*achando o xaile e o chapéu sobre a cama*)

Cá estão.

LIBÓRIO (*achando a Guia*)

Ela aqui está.

ETELVINA (*parando junto dele*)

Ah!... o senhor...

LIBÓRIO (*surpreendido*)

Olé!... a senhora.

ETELVINA

Você parte?

LIBÓRIO

Parto.

ETELVINA

É boa! temos a mesma ideia!

LIBÓRIO

Também vai?

ETELVINA

Sim senhor... As ideias encontram-se.

LIBÓRIO

Muito bem; mas, embora se encontrem as ideias, é necessário que nós nos desencontremos. Para onde vai?

ETELVINA

Para onde o senhor não for.

LIBÓRIO

Temos o mesmo itinerário.

(Assenta-se perto da jardineira, tendo a mala sobre os joelhos cujas correias afivela, depois de lá ter metido pequenos objetos que tirou do mármore do fogão)

EDELVINA

Eu vou para o sul.

LIBÓRIO

Países quentes... vai muito bem. Nesse caso, tomarei o caminho de ferro do norte.

EDELVINA

Às mil maravilhas.

LIBÓRIO

Ora olhe... *(Consulta o Guia)* Segue para Lisboa?

EDELVINA

Sigo no expresso.

LIBÓRIO

Às 7 da tarde.

EDELVINA

Tão tarde!

LIBÓRIO

Vejamos a linha do norte. Quatro e quarenta e cinco... que zanga!

EDELVINA

Daqui até lá, que se fazer?

LIBÓRIO

Uma ideia que o estomago me inspira. Estou em jejum. Jantarei antes de partir.

EDELVINA

Na estação de Campanhã? Pois vá!... Eu faço o mesmo.

LIBÓRIO *(a sair com a mala)*

Adeusinho, e estimo que coma com bom apetite.

EDELVINA

Da mesma sorte. *(Vão ambos a sair pela porta do fundo, e param, cedendo a passagem um ao outro cortesmente)* Faz favor.

LIBÓRIO

Queira passar, minha senhora...

CENA IX

Os mesmos e Sebastiana.

BARNABÉ

Aqui está a sopa. *(Passa por diante de Libório e coloca a terrina sobre o gueridon)*

LIBÓRIO

A sopa!... Como cheira bem!

BARNABÉ

Está uma delícia, meu senhor! *(Sai pelo fundo)*

EDELVINA *(à parte)*

Uma senhora sozinha num restaurante...

LIBÓRIO *(aproximando-se da mesa)*

Que aromática!...

EETELVINA (*à parte*)

O que eu devo fazer é deixar-me estar. (*Depõe a maleta, o xaile e o chapéu*)

LIBÓRIO (*largando a mala*)

Se eu tomasse um caldo...

EETELVINA (*indo à jardineira, e achando Libório a destapar a terrina*)

Então sempre se resolve?...

LIBÓRIO

Ah!... é que eu... como o outro que diz...

EETELVINA

Sim... eu também refleti que jantar sozinha num restaurante...
Repara-se, não é verdade?

LIBÓRIO (*pegando da mala e passando para a direita*)

Tem razão e eu cedo-lhe a sopa.

EETELVINA

Então o senhor... não come!

LIBÓRIO

Boa viagem. (*Sai pelo fundo*)

CENA X

Etelvina e Libório.

EETELVINA (*só, parece muito agitada, e observa se Libório não volta*)

O tempo deve estar entroviscado... Cá o sinto nos nervos! (*Senta-se à esquerda da jardineira, e serve-se da sopa atabalhoadamente; come em silêncio*) Esta sopa é detestável! e depois não tenho apetite nenhum! (*Arremessa a colher*) Que é o que eu vou fazer a Lisboa? É uma tolice. Viajar, para quê? Lisboa já eu conheço... Se eu fosse para o norte...

(*Erguendo-se raivosa contra si*) Oh! Etelvina! tu és incrível!... fazes coisas!... Eu fui muito injusta... porque ele amava-me... O meu pai foi o causador de tudo... Para que lhe disse ele... “Fez bem em matar Macário”? Oh! com certeza, teria ele feito uma boa ação, e a minha maior injustiça foi eu querer castigá-lo por isso... Papel selado!... que patife!...

LIBÓRIO (*fora*)

Vai aí à Batalha chamar o trem, depressa.

ETELVINA

É a voz dele!... voltou!...

CENA XI

Etelvina e Libório.

LIBÓRIO (*entrando pelo fundo*)

Queira perdoar, minha senhora! Chove a cântaros; consentir que eu espere o trem que mandei buscar.

ETELVINA

Pode esperar, e como está em jejum, e a sopa está excelente... se quer...

LIBÓRIO

A sopa cheira bem... muito bem... Isso é verdade.

ETELVINA

Se não receia que o envenene...

LIBÓRIO

Oh!... (*Reconsiderando*) Enfim... (*jovialmente*) visto que a senhora também come...

ETELVINA

Então sente-se.

LIBÓRIO

Pois sim... Nada, não quero... Tenho visto muitas comédias em que esposos zangados cometiam a imprudência de comer juntos, e à sobremesa tinham a desgraça de fazer as pazes... Eu não quero que a senhora se persuada...

EETELVINA

Sem cerimônia... Não quer?

LIBÓRIO

Não duvido... mas peço licença para comer a minha sopa, longe, acolá, sobre aquela mesa. (*Leva para a mesa da direita o seu talher e prato; à parte*) Antes quero isto.

EETELVINA

À sua vontade... talvez estivesse mais seguro no pátio.

LIBÓRIO

Isso não, porque o vento me sacudiria a chuva sobre o prato. (*Come*)

EETELVINA (*comendo também*)

Que triste tempo para viajar!...

LIBÓRIO

Não tanto assim... Em primeira classe vai-se agasalhado... Mas pergunto eu: a senhora por que vai?

EETELVINA

Porque não quero estar no Porto.

LIBÓRIO

Mas, visto que eu me retiro, a senhora fique.

EETELVINA

Sozinha?

LIBÓRIO

Não: com o seu pai e com o defunto Macário.

EDELVINA

Acha que é de bom gosto fazer-me troça?

LIBÓRIO

Pois não me disse ainda há pouco que o amava?

EDELVINA

O senhor não me acreditou. Conhece-me bastante para saber que eu não sou mulher que ame quem a ultraja... Quer beber? (*Deita-lhe vinho no copo*) Beba, ande. Ora vá!...

LIBÓRIO (*erguendo-se*)

Muito obrigado (*Vai pegar do seu copo de sobre a jardineira e bebe*)

CENA XII

Os mesmos e Sebastiana.

BARNABÉ (*entrando pelo fundo com um prato*)

Fi-la esperar, minha senhora: mas a causa foi o senhor que me mandou buscar um trem. (*A Libório*) Já lá está.

LIBÓRIO (*pousando o copo*)

Ah! bem! (*Saudando*) Minha senhora!

EDELVINA (*a meia voz*)

Diante da criada, não. (*Alto*) Sai, Sebastiana.

BARNABÉ (*pondo o prato sobre a jardineira*)

Sim, minha senhora. (*Sai pelo fundo levantando a terrina e os pratos servidos*)

LIBÓRIO

Agora, se me dá licença... (*Faz menção de sair*)

EDELVINA

Peço-lhe que se demore um momento... O meu fim não é fazer a tal cena das pazes, descanse. Mas, como não nos veremos mais é necessária a última explicação.

LIBÓRIO

De que serve isso?

EDELVINA

De mais a mais, sobra-lhe tempo para jantar aqui ou na estação. (*Servindo-o*) Quer uma asa de perdigoto?

LIBÓRIO

O certo é que as emoções tem-me extenuado... Tomarei um pãozito; mas deixemo-nos de explicações, se faz favor... (*Pega de um prato e pão e vai sentar-se à sua mesa, a comer*)

EDELVINA (*passados instantes*)

Confesso que fui violenta, arrebatada; mas o senhor julga-se inocente?

LIBÓRIO

De modo nenhum. Eu pratiquei o enorme e condenável crime de me apresentar à senhora em forma de carta a participar um enterro. Confesso, contrito, a culpa. Se me levassem a uma polícia correcional e o juiz me perguntasse: "O Sr. Libório é réu?" Eu respondia: "Sou réu, Sr. juiz!"

EDELVINA

O senhor prestou-se a uma ridícula mistificação, uma fraude ultrajante, odiosa, só com o fim de dilacerar uma mulher.

LIBÓRIO

Não foi isso.

EETELVINA

Então que foi?

LIBÓRIO

O caso é este. Macário tinha-me dito o diabo a quatro da senhora. Ora eu tenho cá para mim que quanto mais mal se diz de uma mulher, mais se deseja ser amado dela. A alma do homem é assim formada de estupidez e capricho...

EETELVINA

Huum! *(Depois de um curto silêncio)* Quer beber? *(Enche o copo)*

LIBÓRIO *(erguendo-se)*

Agradeço. *(Vai à jardineira)* Muito obrigado, querida senhora! *(Bebe e volta a ir sentar-se, levando o copo)*

EETELVINA *(tendo bebido)*

Sempre o senhor me colocou numa situação bem esquisita! Eu julgava-o o assassino de Macário; e, nesta persuasão, o meu dever qual era? que me cumpria fazer?

LIBÓRIO

Mandar chamar o chefe da polícia.

EETELVINA

Eu conheço lá polícias...

LIBÓRIO

Em vez disso, pensou lá consigo: “Como é um celerado, caso com ele. Se o metesse na Relação, ele poderia fugir vestido de mulher; mas, casando com ele, é o mesmo que pô-lo na Penitenciária, donde não se foge facilmente.

EETELVINA *(erguendo-se e vindo ao meio)*

E isso é tão verdade que o senhor goza a liberdade de retirar-se quando quiser.

LIBÓRIO

Mas pergunto eu: tenho liberdade para oferecer a outra o nome que lhe dei? Posso mentir, enganar... e mais nada. Com toda a certeza, hei de esquecê-la; mas levar tempo... Não me finjo mais forte do que sou... Esta manhã ainda eu a amava... Como os homens são, senhora!... As mulheres, às vezes, agradam pelos seus defeitos... e a senhora estava na conta. A senhora chorava de raiva; e eu ao deixá-la, chorava imbecilmente de saudade... de amor! (*Ergue se*) Estúpida confissão, mas verdadeira!... (*Passa à esquerda*) Ah! Como os homens são bestas! Graças vos sejam dadas, Senhor! Isto acabou-se! (*Etelvina, sem lhe responder, corre à janela que abre*)

EETELVINA (*atirando dinheiro à rua*)

Cocheiro, aí tem 10 tostões; vá-se embora.

LIBÓRIO

Como é isso? ele é o meu cocheiro.

EETELVINA

Libório! eu amo-te!

LIBÓRIO

Como?

EETELVINA

Tu não te vais embora!

LIBÓRIO

Não vou?...

EETELVINA

Peço-te perdão, peço-to de joelhos! (*Ajoelha*)

LIBÓRIO (*ajoelhando-se também*)

Tu... de joelhos!

EETELVINA

Confesso que fui injusta.

LIBÓRIO

Sim... a falar verdade... mas não...

ETELVINA

Perdoa-me!

LIBÓRIO

Perdoo... E o pé torcido? Destorceu-se?

ETELVINA

Estou boa de todo.

LIBÓRIO

Minha esposa!

ETELVINA

Meu marido!

(Abraçam-se sem se levantarem)

CENA XIII

Libório, Etelevina, Barnabé e Sebastiana.

BARNABÉ *(entra pelo fundo e recua)*

Eles lá se estão a trincar um ao outro!

LIBÓRIO *(erguendo-se)*

Está enganado... não nos trincamos.

ETELVINA *(o mesmo)*

Meu pai, eu adoro o meu marido!

BARNABÉ

Ora ainda bem!

LIBÓRIO

Aqui entre nós, eu creio que ela está de todo desmiuçada.

BARNABÉ

Antes disso, meus filhos, antes disso... Eu vinha anunciar-lhes que me instalei definitivamente no Candal.

BARNABÉ (*a Libório*)

Meu senhor, a sege foi-se embora. Quer que se chame outra?

LIBÓRIO

Só se for para meu sogro que se muda, acho eu...

BARNABÉ

Efetivamente mudo para sermos todos felizes de uma assentada. Gosto do Candal. Tenho lá para me entreter o castelo do rei mouro, os armazéns de Vila Nova. Nos armazéns... oh! isso lá é que há fontes sem ser moiras; fontes cristãs... cristãs talvez de mais, por serem muito batizadas... E depois a serra do Pilar, lugares históricos, etc. Vocês cá ficam muito felizes...

EETELVINA

Sim, meu pai, muito felizes... (*Abraça estremecidamente o marido*)

LIBÓRIO (*com ternura*)

Então, esta noite, não me penduras a bota nem escondes o chinelo?

EETELVINA (*com meiguice*)

Não.

LIBÓRIO

Nem torces um pé?

EETELVINA

Também não...

BARNABÉ

Bem! Regalem-se por cá. Lua de mel à portuguesa... e nada de México...



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com